

Composições Poéticas
de José Anastácio da Cunha

SONETOS

I

Tantos anos de Amor na prisão dura,
Padecendo martírios cento a cento:
Já sair não espero da amargura,
Nem para me queixar já tenho alento.

Informem-te da minha desventura
Os ecos de meus ais: ah!, se algum vento
Benigno a teus ouvidos, por ventura,
Levar alguns, tem dó do meu tormento.

Se deres algum pranto à crueldade
Do meu mal, poderei menos senti-lo:
Teu pranto abrandará sua impiedade.

Louco, que peço? Basta que ao ouvi-lo
Te enteneças: ao menos por piedade,
Basta que digas: «Mísero Mertilo!»

II

Loucas ideias, falsas esperanças!
Enfim, é necessário resolver-me
A dizer-vos adeus; mais a entreter-me
Não tomeis, com fantásticas bonanças.

Sim, o tempo, a razão, e as esquivações
Da ingrata, têm chegado a convencer-me:
Adeus!, adeus!... assim pudera ver-me
Livre também de vás, cruéis lembranças!

Porém, tal não verei eternamente.
Pois se sá morte do impossível que amo,
O que não creio, pode libertar-me,

Nunca o fará: que um lustro há que impaciente
Sol'amor é madona e morte chiamo,
Sem que ninguém se chegue a consolar-me.

AO RANCHO DO ALECRIM QUE EM OPOSIÇÃO AO DAS PERPÉTUAS
HAVIA EM VALENÇA DO MINHO

I

Pelos jardins de Gnido, Vénus bela
Saiu c' o filho um dia a apanhar flores:
Folga o Menino, escolhe esta e aquela,
Matizando com arte as várias cores.

Viu a mirrada, a cor de cera bela,
Ou cana que do sol seca aos ardores,
A Perpétua defunta; pegou nela
E a foi mostrar à Deusa dos Amores.

– «Achei, Mãe, entre as flores deste prado,
Esta, não sei se flor devo chamar-lhe,
Se cadáver de flor, no chão caído!

Qualquer flor murcha; e inda nesse estado,
Ninguém que viva foi pode negar-lhe;
Esta nem mostras dá de tem vivido».

II

– «Esta nem mostras dá de ter vivido.»
– «Nem do radical húmido animado
Ser jamais, lhe diz Vénus; nasce perdido
O espírito, nasce morto e descorado.

E além disso, também é o vestido
Da desesperação». – «Pois enfeitado
Com ela quero andar», lhe diz Cupido –
E no cabelo a pôs, loiro e encrespado.

– «Quero livrá-la da perpétua morte
Em que Fazendo está para agradar-nos,
Inda que lhe não sinta qualidade.

Pois se uma desgraçada e abjecta sorte
Deve sempre em seu favor interessar-nos,
Nenhuma há que mereça mais piedade».

III

– «Nenhuma há que mereça mais piedade...»
– «Tens razão, lhe diz Vénus, mas repara,

Filho, antes na divisa da Deidade
Que lhe é contrária, e ambas bem compara.

A Esperança, que é quem na adversidade
Os míseros mortais sustém e ampara,
De Alecrim se coroa em toda a idade,
E a verde cor lhe é sobre todas cara.

Filho, escolhe antes o Alecrim florido».
Disse. E o bando das flores amarelas
Mais pálido ficou, mais abatido.

E um coro mais gentil de Ninfas belas
Que tem por guias Vénus e Cupido,
De ramos de Alecrim só traz capelas.

Copado, alto, gentil Pinheiro manso,
Debaixo cujos ramos debruçados,
Do Sol ou Lua nunca penetrados,
Já gozei, já gozei mais que descanso.

Quando para onde estás os olhos lanço,
Tantos gostos ao pé de ti passados
Vejo na fantasia retratados
Tão vivos que jamais de ver-te canso.

Ah! Deixa o Outono vir, de um jasmineiro
Te hei-de cobrir; terás cópia crescida
De flores, serás honra deste oiteiro,

E para te dar glória mais subida,
No teu tronco feliz, alto Pinheiro,
O nome escreverei de Margarida.

OS PORQUÊS DO AMOR

Céus, porque tão convulso e consternado
Me bate, ao vê-la, o Coração no peito?
Porque fica entre os beijos congelado,
Indo a falar-lhe, o tímido Conceito?

Porque nas áureas ondas engolfado
Da caudalosa trança, inda que afeito,
Me naufraga o Juízo embelezado,
E em ternura suavíssima desfeito?

Porquê, se a luz dos olhos seus activa,
Por lânguida inda mais encantadora,
Me cega?, por a vem ansioso clamo?

Porquê da mão nevada saí tão viva
Chama que me electriza e me devora?
Os meus mesmos Porquês me dizem: Amo.

Oh, como tu quem de Anjo a fêrmosura
E as expressões de Serafîm tivera!
Cada instante iguais provas de ternura
E glória igual à que me dão te dera.

Do nosso Amor, em mim resplandecera
Como em ti a intensíssima luz pura,
E ouvir da tua boca a conjectura
De que em Amor me excedes não temera.

Vem de todo para este peito teu
Vem por estes teus Olhos contemplar
Com que mimo me dizes: – Não és meu?

E ouvindo-te a ti mesma pronunciar
– *Meu Bem, eu não sou tu? tu não és eu?*
Vê se menos do que amas posso amar.

QUATRO SONETOS AMATÓRIOS

I

Em ti mil graças sempre estão chovendo;
Se falas, graças mil se estão ouvindo;
Mil graças nessa boca se estão rindo,
Graças mil nesses olhos se estão vendo.

Umam beijam-te as mãos; outras, correndo
A teus mimosos pés, te vão seguindo;
Umam por tuas faces vêm subindo,
Outras por teus cabelos vêm descendo.

Não são só Três as Graças! milhões delas
Que te acompanham a gentil figura
Ficam, postas em ti, sendo mais belas.

Já quis contá-las; mas achei loucura,
Que é reduzir a número as Estrelas
Contar as graças nessa formosura.

II

Ondeados, lindíssimos cabelos,
Um rosto encantador, enamorado,
Ena cada face um pomo sazonado
Das purpúreas flores são modelos.

Um meigo coração que faz ter zelos
Ao coração mais terno e sossegado;
Uma voz carinhosa, um doce agrado,
Um riso natural, uns dentes belos.

Tudo possui Marfida! oh! quem pudera,
Doces prisões rompendo do segredo,
Explicar-te a paixão que na alma impera.

Enfim, voltar-se a voz... mas, oh! que medo,
De mais um desengano que me espera,
Mais imóvel me deixa que um rochedo.

III

Vão-se os leves instantes, vão-se as horas
Que vivo sempre em tristes esperanças;
Sem que tuas injustas esquivanças

Deixem de ser de mim perseguidoras.

Dize, a lira gentil, porque demoras
Minha sorte feliz? porque descansas?
Acaso tens de um desconfianças?
Inda a firmeza de meu peito ignoras?

Ah! quão louco te ilude o pensamento...
Mas para que não julgues que te engano,
Escuta meu sincero juramento:

«Se eu deixar de te amar, se for tirano,
Contra mim seja o Céu, Mar, Terra e Vento,
Conspirados por ti, sempre em meu dano».

IV

Contra o poder de vossas mãos, senhora,
Quem há-de resistir? Se hasta vê-las
Para morrer de amor, por gosto, nelas;
Para vos declarar por vencedora.

A mesma Natureza se enamora
De tão formosas mãos, de mãos tão belas;
E, se eu sou digno de jurar por elas
Juro que outras iguais não faz já agora.

Por elas deixa Amor da Mãe os braços,
E, beijando-as, os férreos passadores
Nelas vos põe já feitos em pedaços.

Pois acha vossas mãos mais superiores,
Mais suaves farpões, mais doces laços
Para prender, para matar de amores.

A UM AMIGO INJUSTAMENTE PRESO POR PAIXÕES DOS SEUS
SUPERIORES

Suspiro ardente que do peito saís:
Voa a Tírio, esta voz leva contigo.
– «Tírio, deixa a aflição, ouve um amigo:
Tens amigos honrados, não desmaies.

O ânimo imperturbado e inteiro ensaies
Na severa Virtude, no perigo:
Despreza, altivo, o vil bando inimigo,
Não, não és digno dela se descais.

No trabalho a Virtude se acrisola:
Ó Amigo, a Virtude eleva o homem
Mais alto que as esferas reluzentes.

O deleite, a riqueza, o ferro, a fome,
O Mundo, enfim, verão indiferentes,
Pois só de si se paga e se consola».

OUTRAS COMPOSIÇÕES

ODE

Tendo o A. 16 Anos

Se alguém o corpo já de um Pai amado
Com olhos viu enxutos
Exposto ao ar, dos pássaros picado,
E os membros já em parte diminutos
Pelos ferozes brutos,

Veja também sem dá ir, ó Neera,
A púrpura fugindo
De teu rosto trocado em branca cera;
Veja o lânguido olhar, e do pé lindo
O sangue estar saindo,

Sem se lhe encherem logo os olhos de água,
Sem sentir tremer
No peito o coração cheio de mágoa;
Que eu, desta sorte, não te posso ver
Sem lágrimas verter.

Que te valeu, coitada!, a graça pura
Desse teu cabelo de oiro?
Que te valeu juízo e formosura?
Que vale a valentia ao bravo toiro
E a Creso o seu tesoiro?

Ai! Desde que a mão louca da primeira
Mulher o tão vedado
Fruto roubou, e dele lisonjeira
Ao Marido, marido desgraçado,
Deu o infeliz bocado,

Logo em castigo desta insana empresa,
Entraram com mão forte
No mundo o pranto, as fomes, a magreza,
Das diversas Doenças a coorte
E, atrás de tudo, a morte.

Desde então, sempre feros e insolentes,
Andam atormentando
Estes males de Adão os descendentes.
Nem têm respeito ao velho venerando,
Nem ao menino brando.

Nem os move virtude nem beleza:

Nem tu também pudeste
Dessa Febre escapar à cruel fereza.
Ah! Quando ao pé de ti viste essa peste,
Porque lhe não disseste,

Mostrando-lhe esse teu cabelo loiro,
Tão belo! – «Aqui tens parte
Deste, ó Febre, riquíssimo tesoiro;
E se o queres todo, todo quero dar-te.
Voa para outra parte!»

Mas quê! Nesta cruel não há violenta
Cobiça de oiro ou prata:
Sá das lágrimas tristes se sustenta,
Que faz chorar àqueles que a ingrata
Flama sua maltrata,

ODE PINDÁRICA EM ALUSÃO AO TIMBRE DA ACADEMIA DOS UNIDOS

Fuja daqui, fuja o profano
Vulgo odioso:
Fuja, não haja algum insano
Ou orgulhoso
Que o som da sacra trompa
E a cerimonial pompa
Das Musas interrompa
E o místico silêncio e augusto rompa.

Das Musas a quem sirvo hoje, os severos
Preceitos observando, não às gentes
Todas, mas somente aos inocentes
Corações puros, cândidos, sinceros,
Só verdadeiramente bem nascidos,
Cantarei versos inda não ouvidos.

O peito, o peito se me inflama!
Eu sinto, eu sinto a sair a flama:
És tu, Calíope, ou deliro?
Eis a Deusa, eis a Deusa! Arrebatado
E sobre as nuvens elevado,
A terra perco, outro ar respiro:
De objectos portentosos,
De objectos celestiais, misteriosos,
Pequena para tanto,
A vista com o espanto
Perturbada se vê, se vê confusa.
Pelas difíceis regiões,
Do grego Píndaro as pisarias,
Entre mil pasmos e visões,
Em vão por mim são procuradas...
Eu perco a vista e caio, ó Musa,
Teu braço me sustente e me conduza!

Que se oferece a meus olhos perturbados?
Que monstro horrendo, ingente,
Brandindo agudo ferro e refulgente!
Os desgraçados, ai! – quão desgraçados
Campos que vai soberbo atravessando,
Oh!, como vai deixando
Secos, míseros, tristes e assolados,
De armas e corpos mortos alastrados!
A sua crueldade
Só nos mortos se ceva e moribundos.
Só, só respiram sangue e mortandade
Seus olhos furibundos!
Que monstro é este em tanta fúria aceso?

De seu peso
Carregada
E abalada,
Pavorosa
E ansiosa,
Geme, brama e treme a terra...
Quem há-de ser? – A Guerra,
A hórrida Guerra!
Qual Pomba semi-viva
Por ver, da Águia altiva
Na unha válida,
A morte pálida:
Tremendo, sacode
As asas, nem pode
Fugir do inimigo,
E as forças perde à vista do perigo.
Ao ver o monstro horrífico,
Meu coração pacífico,
De susto acometido,
Treme e bate no peito espavorido.
Aonde, aonde fugirei?
Aonde, aonde evitarei
Seu rosto de ira afogueado?
A sua bárbara insolência?
Valha-me o teu altar sagrado,
Tu me defende, ó Inocência!

Respiro! – Já de ti sou amparado:
Enfim, teus sacros muros me compreendem,
Tuas cândidas asas já se estendem
Sobre mim, e de tudo me defendem.
Ouvis? Ou sonho? Ouvis? – Dos ruidosos
Tambores fero som atroa tudo,
Enchendo do ar os campos espaçosos
Que assobiando corta o píf'ro agudo...
Ouvis? Junta c' o tímpano que brama,
Rouca trombeta a argêntea voz derrama
E os sequazes da Guerra anima e chama:
Vem da Discórdia denegrada
A Guerra precedida;
A Parca, da fatal tesoirada,
A seu lado caminha; e a violenta
Marcha segue de longe e fatigada
A Peste macilenta:
O passo agigantado
Forma ao som de Morteiros e Canhões;
Debaixo do arrogante pé pesado,
Abre a terra vulcões,
Mostrando ao Céu rasgadas as entranhas,
Que o Céu de ver tem pejo;

Retumba o estampido nas montanhas.
Porém que ouço? Que vejo?

O Sol, que já fugia descorado,
Torna ao aéreo caminho costumado?
E de uma luz rosada,
Qual a da madrugada,
Se veste o dia!... Que vejo? Outro portentoso!
Abre-se o Firmamento!
Do etéreo aposento,
Se inclina o diamantino pavimento,
Para descer por ele a Paz formosa,
Grave, majestosa,
De todos desejada,
E pelas mãos dos Deuses mesmo ornada:
Vem de luz toda banhada,
Da Ciência acompanhada,
De Artes úteis rodeada
E das louras espigas coroada.
Corre o lavrador contente
A molhar a calva frente
No que a prende alegre e doce orvalho.
Debaixo de seus pés rebentam flores
Sem nenhuma cultura nem trabalho.
Segue-a junta com a Deusa dos Amores,
Os vastos Céus enchendo de fragrância
E espalhando os seus frutos – a Abundância.
Ah! Nela fixa os olhos chamejantes
A sanguinosa Guerra:
Invejosa e confusa fere a terra,
De um golpe os metais quebra, fulminantes,
A si própria de raiva se desterra
Da habitação dos míseros viventes,
De raiva está mordendo as mãos valentes,
Na gruta em que se encerra.
Mas do celeste coro um puro Espírito
A vem arrancar dela;
Procura apaziguar seu peito aflito,
Constrange-a a ver da Paz a face bela.
Ela, indo repugnando
E os olhos abaixando,
O passo atrás retira e não quer vê-la.
Porém, assina que a célica loquela
Da boca manou do Anjo, as iras doma,
Pela mão ele a toma:
Já não duvida à Paz avizinhar-se,
Vejo ambas abraçar-se.

No mesmo tempo a voz harmoniosa
Do Espírito estou ouvindo:

– «Ó três e quatro vezes venturosa,
A Terra!» – diz sorrindo:
«Já depõem para sempre a fúria brava;
Já de coluna serve à Paz a Guerra;
Já do sangue dos homens as mãos lava;
Já pode respirar tranquila a Terra;
Já da União o espírito os homens guia;
Já nova ordem de coisas principia.
Sem Pastor as Ovelhas, sem Rafeiro,
Pastam juntas c’o Lobo carniceiro;
Tornam-se em cera do Leão os dentes;
As pontas caem da cabeça ao Toiro;
O tenro infante brinca com as Serpentes...
Correi, correi, felizes séculos de oiro!
O pinho electro dá, néctar as fontes,
Os carvalhos ambrósia; já dos montes
No seio ninguém busca o vil tesoiro...
Correi, correi, felizes séculos de oiro!
Novas terras descobre, novos mares,
Outro Gama, outra vez cena singulares
Proezas, resplandece a glória lusa
E reverdece o seu eterno loiro.
Correi, correi felizes...» Mas, ó Musa,
Onde me leva arrebatado
Teu voo loucamente remontado?
A débil lira desconhece
Um som tão alto e desusado:
As práticas dos Deuses e o sagrado
Empíreo não profanes, deixa o canto!
Não pode... – Ah!, desce, desce!
Não pode a Lira tanto!

ODE

EM UMA GRAVÍSSIMA DOENÇA QUE TEVE O A.

Pesado alfange, golpe fero,
És da doença ou és da morte?
Eu me resigno e firme espero
O derradeiro fatal corte.

Tu, leve sopro, entendimento,
Alma imortal, por onde andavas?
Qual luz de vela exposta ao vento,
Me pareceu que te apagavas.

Se a vida só vira extinguir...
Ah! que é a vida e o mundo? Nada.
Mas ver-se uma alma dividir,
Mais que de si, da soa amada!...

Morrer! e sem ao meu encanto
Poder mostrar o afecto meu!
Ah!, sem poder mostrar-lhe o quanto
Sou todo inteiramente seu...

Ah! Céus!... porém – Eu me resigno
Mas se aqui findo os dias meus,
Oh! algum zéfiro benigno
Ao meu amor leve este Adeus.

Adeus, objecto idolatrado
Do mais intenso e puro amor:
De amor tão doce acerbo fado
A gentil planta sega em flor

Adeus! adeus! Sabe que enquanto
O esp'rito ou corpo existe, é teu.
Vive feliz, tão feliz quanto
Se foras minha, o fora eu.

Mas para mim o agudo estoque
Furiosa a dor torna a apontar;
Desfeito em sombra ao fino toque,
Tudo de mim veio afastar.

E tu, Essência incompreensível,
Tu, do Universo ou Alma ou Rei,
Patente em todo e invisível,
E em quem um Pai, creio, acharei:

Levo a tens pés, qual mo entregaste,
Simples e humano o Coração;
Amor ao Bem, qual mo inspiraste,
Fraquezas e erros – crimes, não.

Pia a amizade acaba em tanto
O triste ofício derradeiro;
E as libações me faz de pranto
Na pedra rasa e sem Letreiro.

Terna a amizade (se sentido
O não tiver no peito amor)
Te irá dizer manso ao ouvido:
– *Já não é vivo o teu pastor!*

E quando a praia e a espessura,
Que absorto ao pé de ti me via,
Minha afeição (tão terna e pura!)
Te debuxar na fantasia,

Brandos suspiros não enjeites,
Nem gentil lágrima que amor
Verter do mais-que-amado peito,
Com saudade – mas sem dor.

E dize então maviosamente:
– *Raro e leal foi o amor seu.*
Meu foi, meu todo, inteiramente;
E se inda existe, ainda é meu.

HINO AO SOL

Astro brilhante, que dás luz ao dia,
Luminoso Titão, que por teu resplendor
És da terra igualmente e dos céus alegria,
Dos mortais igualmente e dos Deuses o amor!
Inclina por um pouco a brilhante cabeça,
 Tal favor te mereça
 Um amante Pastor,
Que chega humilde a pedir-te um favor.
Ó Sol, eu reconheço a tua fermosura,
Nem negar ousará humana criatura
Que a tudo quanto em si o Universo contém,
Toda a graça e esplendor de ti só é que vem.
Tu dás ao mar o azul, tu dás o verde ao prado,
Às ameixas o roxo, às maçãs o encarnado,
De ti vem a cor branca ao mimoso jasmim,
Dás o verde à esmeralda e o vermelho ao rubim.
 A bela flor, em tu chegando,
 As folhas abre, assim mostrando
 Quanto se alegra de te ver.
 Mas quando à tarde a esconder
 Te vê tornar o luminoso
 Rosto gentil no mar undoso,
 A sua dor então tal é,
 Que não se pode ter em pé,
 Dobra a cabeça amortecida,
 Murcha-se e cai, perde a vida.
 Para te ver e festejar,
 Com uma voz que atroa o ar,
 Saem cantando dos seus ninhos,
 De madrugada, os passarinhos;
 Saem do mato os animais,
 Saem os gados dos currais,
 Sai de casa a humana gente.
 Tudo de ver-te está contente.
 Mas assim que te vêm partir,
Tudo logo outra vez se torna a submergir
 Num silêncio profundo,
 Que deixa ver quanto sabe sentir
 A tua ausência todo o Mundo.
Mas, com seres tão grato aos Deuses imortais
 E aos olhos dos mortais
 Tão brilhante e tão belo,
Perdoa-me que enfim, enfim, hei-de dizê-lo:
Mais me agrada da Noite o tenebroso horror
 Do que o teu resplendor.
Claro Titão, não te irrite o que digo,
Não movas contra mim tuas mãos invencíveis

Nem vibres as setas terríveis
De que se arma o teu furor.
Não te quero por inimigo,
Tu és um Deus, e eu um Pastor.
 É de Fílis o amor
 O que me obriga
 A que isto diga:
Sem ela não posso viver
E só de noite a posso ir ver.
Apressa mais o passo, e nos teus cristalinos
Palácios entra já; vai nos braços divinos
 Da linda Tétis descansar.
 Ela, com toda a mais formosa
 Multidão de Ninfas do mar,
Esperando por ti suspira saudosa.
Não te detenhas, vai-a consolar.
 Vai, não me tenhas em tormento
 E dá já fim ao meu lamento:
 Vai, ó Titão, não queiras ter
 Tão injustamente distantes
 Dois tão extremosos amantes;
 Não queiras aqui mesmo ver
 O pobre Dafnes perecer.
Acaba, acaba já essa longa carreira:
Mostra-nos já cio dia a hora derradeira.
 Acaba de te pôr;
 E ambos desta sorte
Ao mesmo teremos o descanso melhor:
Tu, nos braços da tua adorada Consorte
E eu nos braços do meu amor.

CANTATA

A passar a sesta ardente,
De um loireiro à fresca sombra,
Junto à plácida corrente
De um ribeiro, a minha bela
Se assentou, e eu junto a ela.

A mão branca e delicada
Lhe beijei, cheguei-a ao peito
E lhe disse: «– Ó Nise amada
Mais que os olhos meus querida,
Mais que o sangue, mais que a vida.

Tu bem sabes que em meu peito
Arde a altiva lavareda,
Do mais puro amor perfeito,
No qual eu também me inflamo.
Mais que a mim, também eu te amo.

Oh! E se eu assim pudesse
Saber como correspondeste
A quem tanto te merece:
Se o teu peito eu descobrisse!
Se eu o teu coração visse!

Se eu, á Nise, nele achasse
Outro amor perfeito e puro
Que ao que eu tenho se igualasse,
Sá então é que haveria
Nos meus olhos alegria.

Mas, enquanto o não alcanço,
De contínuo peno e choro
Sem que tenha algum descanso,
Sem que espere algum abrigo.
Morrerei se o não consigo.

Morrerei, verás, traidora,
Por te amar, morto o teu Tírio:
Porém venha a Morte embora,
Que me livra de uma vida
Tão penosa e aborrecida».

Ela nisto os ares rompe
C'um suspiro que abrasara
Duro gelo, e me interrompe:
Do meu peito faz encosto
E o seu rosto une ao meu rosto.

Os meus olhos lagrimosos
Com a branca mão me enxuga.
Com carinhos mil, mimosos,
Entre os alvos, ternos braços
Me apertou: que doces laços!

E me disse desta sorte:
– «Tírio meu, ah! não me julgues
Tão ingrata que co'a morte
Te pagasse tanto amor:
Sá de ouvi-lo sinto horror!

Não, meu Bem, não morrerás,
Viverás, querido Tírio,
E em meu peito viverás:
Eu te dou esta certeza,
Lança fora essa tristeza!

Ah! Primeiro que eu te deixe,
Tornarão atrás os rios,
Pescar-se-á nos montes peixe
E andarás pascendo o gado
No mar líquido e salgado.

Ah! Primeiro aguda espada
Me trespasse o brando peito.
De Leões despedaçada,
Cruelmente perca a vida
Ou de um raio consumida.

Serei firme, assim o juro,
Serei firme eternamente.
Tírio meu, vive seguro:
Nem a morte desfará
A união que entre nós há».

Disse, e eu todo transportado
Não sabia o que fizesse:
De amor puro arrebatado
As mãos belas lhe beijei
E em meus braços a apertei.

Nunca estive tão contente:
De contente estava louco.
Nisto escuto de repente
Entre as árvores rumor:
Volto a cara e vejo Amor.

Vejo Amor que ia passando

Por detrás dos altos loiros,
E dizia, indo voando:
– «Se os futuros alcançaras
Louco, em vez de rir, choraras.

Se souberas como te há-de
Pagar mal, se conheceras
A fingida lealdade:
Oh, com que ânsias, com que dores
Pagará tantos amores!

Quantas vezes delirante,
Chamarás a fria Morte?
Louco amante, louco amante,
Se os futuros alcançaras,
Em lugar de rir, choraras».

Isto disse, e foi-se embora,
Dividindo os puros ares;
Oh! Como eu acho agora
Verdadeiro o que ele disse:
Negro Amor! Tírio infelice!

IDÍLIO

Do Minho à borda assentado
Estava Dafnes um dia,
Maldizendo o negro Fado
Que tão distante o trazia
De Fílis, Ninfa engraçada,
Da sua Fílis amada,
A quem mais que a si queria.
Pelo monte e vale andava
Seu rebanho desgarrado,
Sem que lhe desse cu dado
O estado em que ficava
Se o seu rebanho perdia:
Sá de Eílis se lembrava,
De si próprio se esquecia.
Fugindo dos mais Pastores,
Sá do Minho às claras águas
Vinha contar suas mágoas
E seus mal pagos amores.
– «Da minha Fílis distante,
De que me serve ter vida?
– Dizia o triste Pastor –
Viria tão aborrecida,
Não a ter fora melhor.
já nem de um bosque a espessura,
Nem das Fontes a frescura,
Nem o ameno e fértil prado,
Nem sementeiras nem gado,
Nem do Minho as claras águas,
Nem as canções e as coreias
Dos Dríades e Napeias
Aliviam minhas mágoas.
Até a voz tão gabaria
Da minha flauta estimada
Rouca e feia me parece:
Depois que deixei de vem-te,
Fílis, nada me diverte,
Tudo, tudo me aborrece.
Algum tempo, ah, doce tempo!,
Vivi eu com alegria,
Quando a minha Fílis via
E amiúde lhe falava:
Meu gado com o seu pastava
E, ou debaixo de um loireiro
Ou nas margens de um ribeiro,
Com ela a sesta passava –
E da sua fé seguro
Lhe cantava os meus amores

E lhe enfeitava com flores
O cabelo de ouro puro.
Doce tempo, o Fado escuro
Que eu te goze não permite:
Doce tempo! Enfim, perdi-te...»
Nisto os suspiros e os ais
Que as palavras lhe cortavam,
De tal sorte o sufocavam,
Que não pôde dizer mais.
Pelo monte e pelo prado,
Não se vê tronco nem brecha,
Em que de Fílis não tenha
O doce nome gravado.
A saudade é tão forte
Que, indo para o esculpir,
O oprime às vezes de sorte
Que fica da cor da morte
E o ferro deixa cair.
Livre do primeiro encanto,
Se intenta continuar,
De tal sorte o cega o pranto,
Que lho não deixa acabar.
– «Se assim durassem, diz ele,
De Fílis, puros e inteiros,
No peito, a fé e o amor
Como nestes castanheiros
Estes sinais verdadeiros
Da minha excessiva dor!...
Mas que louco, que ignorante
Sou, ai, triste!, em pretender
Que se conserve constante
E guarde a fé que jurou,
Se inda à vista me enganou,
Se estou longe, e se é mulher!»
Às vezes na branca areia
Escreve o seu nome e o dela:
Um no outro entrelaçados,
De conchinhas os rodeia
E lhes forma uma capela
Com que ficam coroados.
Mas um zéfiro malino,
Farto de açoutar os mares,
Leva tudo pelos ares
E deixa o Pastor sem tino.
– «Ai, triste!, diz ele então,
Se um agouro é este efeito
Que os Fados cruéis me dão,
Que me indica o que tem feito
Da minha Fílis no peito,
Outra nova inclinação;

Se está meu nome desfeito,
No seu falso coração:
Em mil pedaços faria
As prendas que ela me deu;
Aos troncos fogo poria
Que infamei com o nome seu;
Este coração mesquinho
Eu mesmo a via ferir;
Ou de uma rocha no Minho
Me deixaria cair».
Namorada da doçura
Com que sempre o vê chorar
A sua triste ventura,
A canora Filomena
Quer ver se o pode imitar
Na ternura do seu canto:
Mas a sua cantilena
Jamais o pôde igualar
No seu lastimoso pranto.
Todo um dia à chuva, ao vento
Posto, e do sol ao ardor,
Com Fílis no pensamento
Passa às vezes o Pastor,
Sem do diário sustento
Se lembrar, ou do seu gado:
Só Fílis é seu cuidado.
O Deus Pã compadecido
De o ver às vezes ficar
Distante do seu lugar,
No campo, à noite, esquecido,
Vem com as Ninfas da espessura,
Pela noite fria e escura,
Secas folhas apanhando
De loiros carvalhos e heras.
Com elas o cobrem do frio
E o ficam acompanhando,
Para o defender das feras.
Quantas vezes lastimado
O Minho, de o ver cercado
De tantas dores e mágoas,
Se tem visto sobre as águas
A cabeça levantar,
Sá para o vir consolar!
Quantas vezes c'o sentido
Posto só na sua amaria
E do mais tão distraído,
Que não vê nem ouve nada,
De altas rochas tem caído!
Amor, com presteza rara,
Nas suas asas o ampara

E o não deixa ao chão chegar,
Não sei se compadecido,
Se por mais o atormentar.
Triste condição de um peito
Que sabe amar tão deveras:
Sempre o amor mais perfeito
Padece penas mais feras.
Pobre Dafnes, louco amante:
Essa que tu tanto adoras
É talvez uma inconstante
Como são as mais Pastoras.

A ESPERA AMOROSA

Entre estas verdes sombras tão caladas,
Da luz da Lua apenas perturbadas,
Neste ameno silêncio parar quero,
Aqui há-de vir ter por quem espero.
Aqui há-de vir ter... – Ah, Ninfa! Ah, quanto,
Ah, quanto já me tardas! Entretanto
Um violento fogo me devora,
Do peito o Coração quer saltar fora.
Coração terno, quando pressentires
Que ela já se avizinha, quando a vires,
Quando junto ao seu peito te apertar,
Quando o seu também vires palpitar,
Temo que da ternura o forte efeito
Te faça rebentar dentro no peito.
Oh, que cruéis receios, que terríveis
Imagens me rodeiam, quão possíveis,
E infalíveis sempre, quando o fado
Decreta atormentar um desgraçado:
– Se acaso não virá? – Se pressentida
Seria? Oh céus!, a sua cara vida,..
A serra é solitária, é fragosa,
A selva dilatada e tenebrosa...
Até dizem que nela alguns Pastores
Têm visto feras Deusa dos Amores,
Afugentai tão fúnebres ideias
E o frígido receio que nas veias
Correr não deixa o sangue livremente.
Terei de ser em tudo descontente?»
Ó fonte copiosa que com brando
Murmúrio este bosque vais regando,
Mova-te à Compaixão minha agonia:
Um doce sono aos olhos meus envia.
Ela em vindo há-de ver-me, há-de acordar-me...
Porém, não: de ti quero retirar-me,
Não quero adormecer. Céus, e quão louco
És ainda, Mirtilo! E por o m pouco
Perder querias glória mais que humana?
Quando da tua Ninfa Soberana
Ao longe pressentires as pisadas,
E o rugido das roupas delicadas;
Quando airosa movendo o pé ligeiro
Ao longo deste plácido Ribeiro,
Com o favor da escassa luz da Erra,
Vires que se avizinha a Ninfa tua:
– Oh, Ninfas destas árvores e fontes,
Não duvido que nestes férteis montes
Tenhais de Amor sabido mil segredos,

Tereis visto e passado dias ledos;
Mas se os Corações nossos ver pudésseis,
Eu vos juro que inveja nos tivésseis.
Vereis, Ninfas, vereis – Oh, força incrível
Que une dois Corações – força invencível!
Quando vires voar-me arrebatado
Em a vendo, e em seus braços apertado
Nada poder dizer-lhe e só no peito
Sentir de amor o Coração desfeito.
E ambos de um puro fogo consumidos,
Ambos sem cor, sem fala e sem sentidos!
Ambos»... Ambos mortais, no chão caídos...
Ah! Mirtilo! Mirtilo! um desgraçado
Como tu ainda espera que há-de o fado
Conceder-lhe uma Glória tão subida?
Cuidas que ainda hás-de ter gosto na vida?
Amor manda que espere, esperar quero.
Esta é a última vez que nele espero.
Vós, doces esperanças, e tu, fado,
Que tanta vez me tendes enganado,
Vénus e Amor, baste de Crueldade:
Ao menos uma vez tende piedade!
Deixai-me ver a minha M[argarida]
E tomai, se o quereis, meu sangue e vida.

SUSPIROS

Foges-me, prenda cara?
É por acaso só minha desdita
Ou também de outro a dita
Quem de mim te separa?

Volta os Olhos, sequer, por compaixão:
Verás meu Coração
Atrás de ti sair do aflito peito,
Pelos Olhos em lágrimas desfeito.

Não são suspiros estes que estou dando:
É a alma saudosa
Que estou já exalando,
É a alma que ansiosa
Atrás de ti como uma flecha parte
E a mim me deixa só por não deixar-te.

Mas eu que digo? A quem me queixo? ao Vento...
É surda como ele, surda ao meu Lamento.
Foge! Foge, inumana,
Tua dureza já me desengana:
Mas dá-me o Coração e a liberdade
Que me levas roubada
Com tanta Crueldade.

Deixa-me essa alma amante e desditosa
Que levas enleada
Nessa trança formosa.
Foge, inumana, foge,
Que eu começo de ti a fugir hoje.

Levas-me o que vale mais que a mesma Vida.
Mas eu dentro de mina levo esculpida
A tua Imagem tão profundamente
Que nem de anos à força, ou de Esquivança,
Pode ser destruída.

E comigo andará continuamente,
Até da vida a hora derradeira.
Será minha vingança
O tê-la prisioneira.
Presas estará de dia,
Do Entendimento em amorosos laços
E, de noite, nos braços
Da amortecida, amante fantasia.
Nem eu creio que rompa a mesma morte
De um Amor como o meu a prisão forte.

ESCREVEU O A. NO LIVRO DE MEMÓRIA DE MR. PACHEN, OFICIAL
PRUSSIANO QUE NÃO PÔDE ENTRAR NO SERVIÇO DE PORTUGAL

Triste coisa é ver partir
Um amigo desditoso!
Mais triste é não possuir
Com que o fazer venturoso!
Parti, pois, já que é forçoso,
A cortar determinado
Do Acaso o mar proceloso,
Sempre inteiro e imperturbado,
Conservando o ânimo altivo,
Sem temer rio Fado esquivo
O semblante carregado,
Pondo sempre a esperança
Na contínua mudança
A que está sujeito tudo:
Se está hoje carrancudo,
Amanhã estará sereno.
Este monte é assim fragoso,
Mas em baixo há vale ameno,
Campo fértil e espaçoso.
Sai da noite o claro dia,
Da tormenta a calma:ria:
Consolai-vos, não, não, há-de
Durar muito a tempestade.

VERITATI SACRUM

Filha dos Céus! Verdade augusta e santa!
Mãe das Virtudes, seu arrimo e base,
Mérito de quem te ama e recompensa!
Ouve-me

..... A ti dirijo
Meus ardentes suspiros, minhas vozes.
Do mais alto dos céus que eterna habitas,
Una dos brilhantes, majestosos raios
Que a cabeça te cercam descer vejo
Rompendo espessas nuvens tenebrosas.
Meus sentidos penetra e a alma toda
Me inunda de perene claridade.
Eu vejo a maior parte dos humanos
Que ou vegeta ou delira. Sim, vegeta
Dos míseros mortais a maior parte.
À mesa, ao baile, à ópera, à assembleia,
Atrás dos outros vai como as ovelhas.
Obra maquinal mente e disso que obra
Nem sequer faz ideia, ao seu discurso
Exercício não dá, nem que o tem sabe.
Tristes! Nunca os seus olhos brilhar viram
De teu preclaro fogo um leve raio.
Cheia

.....
Ao menos na loucura que os agita
Mais pacíficos são e mais humanos
Os que a gente vulgar chama filósofos:
Inda que os vês com furioso aspecto
E lançando dos olhos vivo fogo,
Quais do bom tempo andantes cavaleiros,
Bravo mantenedor, bravo padrinho,
E venham da outra parte os que vierem:
Não te assustes, que a guerra é de palavras
Somente; e o mais que fazem os bons homens
É c'os seus gritos atroam a abóbada
De uma classe, e, a poder de feros murros
E sonoras palmadas espantosas,
Quebrar banco, cadeira e tudo quanto
Ao pé deles se achou, e a mais não passam.
Ah!, de tão estrondosos e altos feitos
Produza a Natureza um cantor digno
E também para vós haja um Cervantes

.....
..... cabalistas e mil outras
Diferentes espécies de fanáticos,
Cuja imensa e vã turba flutuando
Vejo no vasto mar de tantos séculos...

.....
Ó António José, doce e faceto!
Tu que foste o primeiro que pisaste
Com mais regulam soco a cena lusa,
O povo de Lisboa mais sensível
Foi na plateia aos teus jocosos ditos
Que

.....
Ó Bosques! Ó lugares solitários,
Onde criado fui longe da corte,
Longe rio seu tumulto e seus enganos!
Sentado à vossa verde, fresca sombra,
Respirei sempre um ar sereno e puro,
Nunca de maus vapores carregado.
A Preocupação fera e potente
Nunca imprimir se viu na vossa areia
O imperioso pé; nunca me lembra
Que a sombra do seu corpo agigantado
Roubar-nos fosse as luzes da verdade.
Ó Bosques, Santos Bosques! O caminho
Para o eterno Tem pio desta Deusa
Em vós achei; a pura Natureza
Em vós somente se dignou mostram-mo.
Depois Sócrates, Túlio, depois Locke,
Apesar

..... enquanto
O Divino Carvalho, o Pai da Pátria»,
Acompanhado das ciências e artes
E ria Virtude, a dissipam se aplica
Da ignorância as espessas negras nuvens
Em que jaz Portugal. – Ó tu, recebe,
Santa Verdade, de um coração puro
Uma pura oblação! Desde os primeiros
Anos te dediquei meus pensamentos.
Renovo hoje a oblação!, permite que hoje
Torne plenamente a consagrar-tos.
Permite que te ofereça o sangue e a vida
Quando preciso for, e aceita, em tanto,
De um coração que a ti também consagro,
Liberi sensi in simplice parole.

OS RETRATOS

De Virtude e Beleza,
De Amor, de Agrado extremos,
É de que os céus supremos
Formaram o meu Bem.

 Negou-me a Natureza
Agrado e Formosura,
Mas deu-me uma Alma pura
Que igual Amor lhe tem.

Igual! «Igual» não deve,
Mas «o mesmo» chamar-se:
Dois Ímans a juntar-se
Uma só força faz.

 Cuidas que algum já teve
Afecto igual a este, Espírito Celeste,
Que em nós sentindo estás?

A sua natureza
Não pode compreender-se;
Só, sim, sentir-se e ver-se
Em quem nascê-lo fez.

 Tem, como tu, beleza,
Tem, como tu, bondade,
Tem... – mas, ó Céus!, quem há-de
Dizer o que tu és?

Ó Amor verdadeiro,
Ó força Soberana,
Ó força mais que humana,
Ó Divina atracção!

 Tu só és companheiro
Da Virtude e da Bondade,
Suma felicidade
De um puro Coração!

NOITE SEM SONO

Imagem!, não por destra mão pintada,
Ou em precioso mármore lavrada,
Porém, pela Virtude e Formosura
Numa alma impressa, aos Deuses graça pura!
Imagem que o meu Bem agora ausente,
Ofereces quase aos olhos meus presente;
Causa única da minha Distracção,
Minha mais doce e séria ocupação!
No sono, à noite, ou no ocupado dia,
Sempre desta sua Alma companhia,
Desta sua Alma, para a amar nascida,
Contigo ao menos sempre, sempre unida,
A cuja vista a mais severa Pena
Do semblante enrugado o horror serena;
Do teu Resplendor cego, se nem vejo
Da fortuna outros dons, nem os desejo.
Quanta me dá suave recompensa
Tua mais que belíssima Presença!
Virtude, Graça, Engenho, Amor, Pureza,
E em que grau – quase encobrem a beleza!
A Beleza, que só converteria
O duro gelo em fogo, a noite em dia.

Oh, olhos!, oh, luz lânguida e divina,
Que o mais sublime e puro amor me ensina!
Que ao estúpido Mopso não agrada,
Pelo desprezo seu melhor louvada!
De olhos vulgares pode o movimento
Desejos acender por um momento;
Olhos vulgares matarão de Amores,
Vida e Amor dão vossos resplendores.
Olhos! em cuja doce claridade
A Alma exala a Celeste suavidade!
Olhos, Olhos!... oh, céus!, vós que os fizestes,
Vós o nome dizeis que então lhes destes!

Oh, Imagem! Princípio da atracção,
Que invencível me leva o Coração!
(Leva-o? ou ele mesmo alvoraçado
Voa?) para o seu Bem mais que adorado!
Quantas vezes pergunto, estupefacto,
Se és da Virtude ou do meu Bem retrato.
E uma voz dentro d'Alma, não sei donde:
– *Pois não é tudo o mesmo?* – me responde.
*Tu, que a Virtude amado tens, sem vê-la,
Vê no teu Bem agora como é bela.
Começa a dar-te a paga merecida,*

*Benigno o céu, de uma inocente vida.
Do céu murmurar deixa o Vulgo rude:
Vê na Virtude o prémio da Virtude.*
Voz íntima, e por certo mais que humana,
Se o Céu aos Inocentes não engana,
(Como de me enganar posso ter susto,
Se me prova tal voz que o Céu é justo?)...
Voz! quanto mais te escuto, mais me animas
A amar o Bem, mais a Alma me sublimas.
Original desta Imagem encantadora,
Que do Sono me está privando agora,
Objecto amabilíssimo, inefável,
Cada dia, hora, instante, mais amável,
Se hoje em sonhos não queres ser amada,
Voe a ti toda esta Alma arrebatada!
A força aumenta da Atracção possante:
– Goza, de todo goza o teu Amante;
E unidos ambos... – Oh!... e estás tão perto,
Meu Bem!... Deliro, ou sonho ou estou desperto?
Ambos unidos em mimoso Laço,
Faces, bocas unidas... Ah! que faço?...
É ar... Quando que a abraço me parece,
A mim me abraço e em Ar se desvanece!
Mas que duvido com Abraço estreito
Cingir-me!... dize, não és seu, meu Peito?

Oh, meu encanto! Oh, dize-me: esquecida
Poderás ser ainda além da vida?
Pode do tempo a mão frequente e dura
Na minha Alma apagar tua figura?
Se altas montanhas entre nós se erguerem,
Largos Rios com ímpeto correrem...
Se espessas Selvas nunca penetradas
Campinas cruelmente dilatadas,
E outras Selvas depois, outras Campinas,
Famintas feras e Nações ferinas
Entre nós estender Fado tirano...
Se bramar entre nós todo o Oceano,
Se entre nós se meter inexorável
Da Terra a Curva Espádua impenetrável...
Dize, meu Bem, dize-o tu só: e há-de,
Em toda a inteira angústia da saudade,
Perfeita angústia, angústia sem mistura,
Ensopada em mortífera amargura!,
Há-de a Imagem, que está também gravada
Na fantasia mais que namorada,
Fugir-me?... Oh! Julgas tu que há-de somente
Começar a apagar-se levemente?
Deixará tua falta de a avivar
Cada vez mais, por mais m'atormentar?

Cada vez mais co'a fria, negra mão,
Deixará de apertar-me o Coração?
Se só lembrada faz que uma Alma forte,
Afeita há muito a desprezar a morte,
Treme, gela e desmaia espavorida,
Pode deixar de me matar, sentida?
Ou se talvez então mais ocupado
Em adorar-te, quanto mais lembrado,
À tua imagem todo unido, absorto,
E a tudo o mais cego, insensível, morto,
Me correrá o tempo docemente,
Quase sem advertir que estás ausente?
Ah! Eu vejo a Alma ansiada que flutua,
Entre a Imagem presente e a ausência tua!
Quando aquela consola, esta atormenta,
Devora-me uma, a outra me alimenta.
Qual vencerá?... Sois justos, Céus Supremos?
Se o sois, ah! nunca, nunca o saberemos.

Vai voando o vulgar, grosseiro Amor,
Qual Borboleta vã, de flor em flor:
Vê Luz, e a ela namorada corre;
Coza-a queimando-se, e em gozando-a morre.
Chama que consumindo resplandece
E, co' o alimento que queimou, fenece.
De gozar só tem vida na esperança:
Que muito que se extinga assim que alcança?
Quem abraza do Vulgo o Coração
Não é Amor: feros desejos são.
Da espécie são do sono, sede ou fome,
Nem merecem de Amor o Sacro nome.
Não, não merecem. – Neles nascimento
Tem dos tormentos o pior tormento.
Os Loucos, torpes, vis, infernais zelos,
Dize: capazes somos nós de tê-los?
Oh! mal, mal sabe o Vulgo dos Amantes
Quanto do que é Amor estão distantes!...
Amor! Nome suavíssimo e Sagrado,
Pelo Vulgo à loucura e vício dado!
O Amor profanam por diversos modos,
Ou ao menos o ignoram quase todos.
Uns o pintam Rapaz, Cego, Frecheiro;
Tirano outros, ou vil Interesseiro:
E os poucos bons que extática Amizade
O crêem, quanto inda distam da verdade!
Divina Força, Espírito Celeste,
Que só de te sentir poder me deste!
Se para aliviar o Coração
Da pesada, suavíssima opressão,
Pudera com palavras explicar-te

Ou nos suspiros e olhos meus pintar-te;
Se conhecer-te o mundo vão pudera,
Para a Virtude atrás de ti correrá!
Mas oh! quem sem virtude pode ver-te?
Quem sem sentir-te pode conhecer-te?

Ah! do meu Bem no angélico Semblante,
Com que glória o admiro radiante!
Amor da espécie mais sublime e pura,
Respira quanto em sua formosura
A minha Alma contempla quase louca:
Face atractiva e atractiva boca,
Rosto que encanta, afável ou sisudo,
Olhos, palavras, movimentos, tudo!

Pode esquecer-nos nunca aquele dia,
Em que por mais que humana simpatia,
Sentimos nossas Almas atraídas
E para sempre, para sempre unidas?
Tosca, estreita Palhoça afortunada,
Em que a nossa união foi celebrada!
Tosca, estreita Palhoça!, em ti contemplo
De todo o Mundo o mais Augusto Templo!
Que mais augusto e esplêndido Aparato?
Que mais solene e respeitável Acto?
Oh, Céu!... (Dize, meu Bem, do Céu não vias
A mão em tudo quanto em nós sentias?)
Sim; nosso Amor o Céu nela aprovou,
As mãos e Almas o Céu nos enlaçou.
Pergunte o Vulgo vão que Amor jurámos,
Que fê? – Demos as mãos e suspirámos.
Querer prender do Instinto a Liberdade
Com promessas: ridícula vaidade!
Os loucos juramentos dos humanos
São cruéis, mas fraquíssimos Tiranos,
Amor, se o Mundo vis prisões lhe tece,
Sacode as asas e desaparece.
Jurar?... e o quê? Qualquer de nós não via
Tão claro no outro quanto em si sentia?
Cheio de Amor, admiração, respeito,
Quando a mão me tomou e uniu ao peito,
Não via (oh, Céus!) não via a Luz divina,
Que de dentro da Forma cristalina,
De glória enchendo quanto a rodeava,
A virtude, que a alma, derramava!
Não via, absorto, a afável Majestade,
O Amor, Amor angélico!, a verdade?
Coza, meu Bem, enquanto a Sorte avara
Com tanta Crueldade nos separa;
Coza do alívio que nos concedeu

De dizer com certeza: – É minha! – É meu.
E se é força que até ao fim da vida
Tão injusta distância nos divida,
Morrámos, quando grato aos Deuses for,
Nalgum transe suavíssimo de Amor.
Viveremos então (a Alma o afirma,
E inda mais o Amor nosso mo confirma)
Livres de todo humano, injusto laço,
Num sempre estreito, amante, e eterno abraço.

O ABRAÇO

«Alta rocha, sustêm-me, que esmoreço!
De amor não sei se estou para expirar...
Como me anseia!... Enquanto não faleço
Co'a Noite quero aqui desabafar.

Oh, meu... Oh, meu Amor! aonde fugiste?
Onde estou eu agora, e onde estava?
A Alma começa a conhecer que existe,
Que até agora sabia só que amava.

Não estive num Mar quase afogado,
De inefável, Angélica ternura?
Respiro apenas: inda estou cercado
De estranha, grossa névoa de Luz pura...

De Amor prodígios inda não ouvidos,
Que absorto sinto e entender não sei!
Solta-se-me a Alma dos mortais sentidos,
Ou acordo de um sonho?... Ah! não sonhei.

Não, não sonhei: que estes teus braços vejo
Inda na acção de te abraçar pasmados.
Não, não sonhei: que inda o Celeste beijo
Cozo nos beijos mais que namorados.

Sinto estalar-me docemente o peito
C'os ímpetos de um Coração que é teu;
Coração que em Amor se viu desfeito,
Na doce vizinhança desse meu.

Oh!, guarda, Mundo vão, tua riqueza:
Que vale o Ouro e Jóias que conténs?
À vista da Virtude e da beleza,
Que vale o que da sorte chamam bens?

Mortais, que ou da Fortuna os grossos mares
Com risco vosso e alheio mal cortais,
Ou do mau fanatismo nos Altares
Ensanguentado incenso vil queimais;

Interesseiro vulgo dos Amantes
Só de si realmente namorados,
E quantos, ou de maus, ou de ignorantes,
Atrás dos Vícios correm desgarrados!

Se é certo que só vista a formosura
Da virtude emendara aos Viciosos,

Oh! do Mundo e de Vós para ventura,
Vede o meu Bem – e sede virtuosos!

O feio, negro fumo, o leve vento
Da glória, que cuidais no Mundo achar,
Vereis desvanecer-se num momento,
À vista da de ouvi-la e a contemplar.

Pompas do Mundo, gostos tão buscados,
Que recreio encontrar em vós podemos,
Se um no outro sempre, sempre embelezados
Excepto nós, do Mundo nada vemos?

Se aqueles que o sublime, o só louvável
Custo de gosto dar nunca sentiram,
Dos nossos castos mimos a inefável
Suprema glória viram! – Ah! se viram!...

Mas não; porque de balde esperaria
Nosso amor abrandar Almas tão duras;
E inteira aprovação só acharia
Entre os Anjos e inteligências puras.

E não crês tu que um Coro de Amorosos
Serafins sempre nos rodeia e ouve,
Com os gentis Espíritos ditosos
De alguns Amantes como nós, se os houve?

Se os houve!... Oh! cuidas tu que se acharia,
Ou no Mundo ou do Mundo nos anais,
Quem (milagrosamente) saberia
Tanto e tão gentilmente amar já mais?

Não vês inda de gosto sufocados
E um no outro nossos peitos esculpidos?
Não sentes nossos Rostos tão chegados
E ainda mais os Corações unidos?

Oh, mais, mais do que unidos! Tu fizeste,
Doce encanto!, que eu fosse mais que teu!
Lembra, lembra-te quando me disseste:
– Meu bem! Eu não sou Tu? Tu não és Eu?

Faz de duas vizinhas gotas de água
Uma só a invencível atracção:
Forma Amor em celeste, ardente frágua
De nossos Corações um Coração.

Mesma vontade, mesmo pensamento,
Mesmos desejos, mesmo terno ardor;

Somos, enfim, (que glória e que portento!)
Não dois Amantes – mas um mesmo Amor!

Oh, glória incompreensível! Quem me dera
Palavras dignas do que amor me influi!
Ou as tuas, meu Bem! E então dissera
Quanto num breve abraço amor inclui!

Num breve abraço! Oh, céus!, e porquê breve?
Sois bons, e até à morte não durou?
Tudo podeis, e a opor-se há quem se atreve
À vossa mão, que as Almas nos ligou?

Ímpias Leis e Costumes dos humanos!
Que um inocente abraço embaraçais,
Tão diverso dos gostos vis, mundanos,
Como de pejo as faces não corais?

Só de abraçar-te a glória aos Céus, ao Fado
Peço, para antes e depois que expire.
No seio da Virtude reclinado,
A que mais glória quererão que aspire?

Sim, do terrestre corpo libertados,
Viver, enfim (que Amor, que o diz, não mente)
De Deus no seio iremos abraçados
Doce, estreita, contínua e eternamente!

Isto dizia um tão perfeito Amante,
Que nem tempo presente nem passado,
Nem mostraram ainda semelhante
Fábulas de Poeta namorado.

No Golfo de tão grata Eternidade
Com a Contemplação se submergiu
Embebido na quase Realidade,
Até que a Aurora ao Sol a porta abriu.

P.S.

O Misérrimo Amante mal sonhava
Que, de dentro da horrenda Escuridão
De uma nuvem infernal, já levantava
Sobre... ele a Desventura cruel mão.

Todo o seu gosto, que empregado tinha
No agrado do seu Bem, todo o perdeu.
Perdeu a glória de dizer: – É minha;
Só se aviventa com dizer: – Sou teu.

PRESSÁGIO

Sós estamos, meu Bem!, sim, só contigo,
Divina e melhor parte de mim mesmo!
Contigo, única inteira Dita minha!
Minha, minha, mas (ai de mim!) ausente!
Sim, contigo, apesar da injusta Ausência:
Bárbara Ausência, e Céus inda mais bárbaros!
Contigo, sim, contigo; que o Destino,
Essa escondida causa, esse Princípio
Que, ou activo ou inerte, não somente
Se opõe ao Bem, mas é do mal origem,
Origem dos gemidos do Universo,
Rasgar-nos pode um Coração que temos.
De Rios, Montes e Campinas pode
Distância tão cruel, em que bem mostre
Sua má propensão, meter em meio
Das duas amantíssimas metades.
Se pode... – oh, com que Dor o experimentamos!
Porém, ao menos isto nos console:
Pôde apartar, mas desunir não há-de.
Que apartados ou juntos, somos um...
Estamos só: dize-me pois que é isto?
Que é o que sinto em mim tão de repente?
Que susto de repente assim me assalta?
Que Punhal tão agudo, tão pesado
Me fere!... da Alma no íntimo me fere?
Que espessa, negra Névoa tão pesada
Me oprime, e ofusca, ou gela ou petrifica
A Mente tão absorta e tão perdida,
Que vêem e ouvem os Olhos e os Ouvidos,
Sem que ela entenda o que eles vêem ou ouvem?
Dize! oh! dize, meu Bem! Que repentina
Pancada, e a cada Instante repetida,
Despertou tão grosseira e cruelmente
Este teu Coração, que adormecido
Da tua Imagem nos mimosos Braços
Desde que me apartei (deixai-me, lágrimas,
Dai-me licença, ó lágrimas, que verte
Aquela saudosíssima Palavra!),
Adormecido, inda que sem sossego,
Desacordado, palpitante, e em ânsias
Cruéis como (ai de mim!)... como quem sonha
Ou que uma e outra vez abraçar tenta,
Mas de balde, o seu Bem... ou que lho roubam?...
Enfim, como sem ti: sonhou contigo!
Coração do meu Bem, quanto me dóis!
São coisas tais efeitos só do Acaso?
Até cuido que o sinto chorar sangue.

Parece que uma negra mão mirrada
Mo aperta... Oh!, não, não seja a Mão da Morte!
Que fúnebres Imagens me rodeiam!
Que piedoso Choro, que voz ouço
Tão maviosamente penetrante
Do Peito no mais íntimo chamar-me
Pelo Nome? – Oh! não sela a voz da Morte!
São Coisas tais Efeitos só do Acaso!
Tristes Imagens, Lúgubres Agoiros,
Por Piedade, deixai-me! – Que socorro
Posso implorar, e quem valer-me pode,
Se a Imagem do meu Bem me desampara?
Se se deixa cobrir de um negro véu!
Por mais que a ela quero unir-me, e nela
Eixos, fixos estes teus Olhos ponho
Que me falta, e que vejo?... Onde, onde foge,
Desvanecida inda antes de formada,
Aquela tão Divina Cor purpúrea,
Que nos nossos terníssimos Abraços
Tanto e tanto a si própria se excedia?
Quanto essa, inda que bela, triste Alvura
Me quebra os Olhos e os arrasa de Água!...
Oh! que assim (ai de mim!) é que ficaste
Branca como a Pureza da nossa Alma
(Que uma só em Nós há), lânguida, pálida,
E no regaço da doença pálida,
Quando me apar... quando me apar... – Não posso...
Das lágrimas já vai passando a Nuvem,
E aparecendo vens, ó doce Imagem,
Imagem idolatrada! E sempre pálida!
Oh! se eu pudesse, se Eu pudesse ao menos
Unindo peito a peito, e com meus Beijos,
C’os mais amantes, fervorosos Beijos,
Avivar essa Cor com que me assustas!
Não (ai de mim!), não seja a Cor da Morte!...
Coração do meu Bem! oh, desengana-me!
Oh, dize-me, o que é isto? são Presságios?
Vês de tão longe e sentes as Desgraças?
Não sopra o Vento, estão os Céus serenos,
E já pressago o Mar se empola e encrespa
Ao mal-aconselhado Aventureiro
Que (mas de balde) agora se arrepende,
De cada possante onda já mostrando,
Na enrugada Testa carrancuda
E na disforme Boca, o inexorável
Naufrágio que nas Asas da Tormenta
De longe, mas veloz, vem a tragá-lo?
Posso esperar de vós algum Alívio,
Oh! Livros vãos? De ti, Discurso humano,
Tanto e tão loucamente presumido,

Que fraco, cego, coxo, queres jactar-te
De seres nosso guia? Oh, pobre, pobre
Discurso! Cuidas que conheces tudo,
E tão mal a ti próprio te conheces?
Como te ficam mal tais Arrogâncias!
Tu!, mera Faculdade, mero Instinto,
Só débil e ignorante Conselheiro,
Mil vezes enfadonho e desprezado
(E algumas com razão) de outros Instintos
Que ainda menos do que a ti conheces,
Mais poderosos, mais seguros ou úteis!
A ti o que eles fazem atribuis,
Sem ver que és deles quase sempre Escravo!
Dize: és tu quem no Pejo o Rosto cora,
E no Pavor o deixas descorado?
Regulas tu do sangue o Movimento?
Oh!, dize: és tu quem ama? és tu quem sente
Do puro amor os inefáveis Êxtases?
Tu quiseras dizer-me (oh, quem te crera!)
Que quiméricos são estes Presságios,
Estes Presságios que a Alma me trespassam?
Porquê? Que sabes tu? Oh, só modesta,
Tu, que chamar-te queres Filosofia!
Todas as Rodas viste, as Molas todas
Deste imenso Relógio do Universo?
Vê, vê do fogo Eléctrico os Milagres,
E em paz, por Compaixão, chorar me deixa.

SAUDADES

De um Coração que Amor magoa
Estes gemidos são,
E quase nem gemer já pode
O pobre Coração

Que jaz enfermo de uma ausência;
E sendo em males tais
Remédio o tempo, agrava o tempo
O seu, cada vez mais.

Que é de uma espécie sobre-humana
Seu mal, nem pode ter
Remédio aqui, somente alívio,
O alívio de gemer!

Que alívio é, e é doce alívio
De quem, se o seu Amor
Não vê, não quer mais Companhia
Que de o não ver a dor.

Na ausência, gostos, passatempos,
O são só para os mais,
Que Amor tão raro, ou antes único,
Só gosta de dar ais.

Suspiros e ais, gemidos, lágrimas,
Amada Companhia!
Oh! quem pudera só convosco
Passar a noite e o dia!

Sem se humilhar ao fingimento,
Pedindo-lhe emprestado
Disfarce vil (pois é disfarce)
De riso, gosto e agrado;

E à cortesia (antes mentira),
Ceder (não nobremente),
Ao Coração no peito ouvindo
Clamar que o rosto mente!

Suspiros e ais, gemidos, lágrimas,
Em vós esta alma tem
Condignos cultos, com que adora
A imagem do seu Bem.

Imagem, Imagem mais que bela,
Antes direi Celeste!

Que à minha inteira, única
Dita Inteiro me prendeste...

Não digo bem, tu nos uniste,
(Nem há poder algum
Que nos desuna) que, apartados
Ou juntos, somos um!

No raro sangue da Virtude
Ensope o Fado a mão,
Rasgando um único que temos,
Mas grande Coração.

Que em nós distâncias, tempos, penas
Não têm influxo algum
Mas dói, e muito!... Ah! doa... És minha,
Sou teu – e somos um.

E somos um! E posso nunca
Deixar de repeti-lo?
E, ausente mesmo dessa minha
Tão doce boca, ouvi-lo?

Que o nosso Amor, qual chama eléctrica,
Os longes desprezando,
Faz com que estamos um ao outro
Ouvindo e contemplando.

E entristecida a face vejo
Angélica, divina,
Que a pensativa Saudade
Maviosamente inclina.

E humedecer-se a luz dos Olhos –
Meus Olhos, que fazeis?
Nós prometemos de ter ânimo:
Ânimo, não choreis.

Nós prometemos de ter ânimo,
Mas vós chorando estais!
E estes, nadando em grossas lágrimas,
Vos dizem que o tendes,..

Nós prometemos – mas quem pode,
Quem pode não chorar,
De um Coração rasgado vendo
O sangue a destilar?

Que das metades amantíssimas
As lágrimas tais são,

Entre ansiosíssimos soluços,
Que saudosas dão.

Que Lobo, ou Urso, ou Tigre fero,
Ou homem (que inda mais
É desumana a gente humana
Que os feros animais) –

Que humanos, pois (inda que deles
As Leis e os usos são
A injusta e dura e ímpia causa
De tal separação) –

Que Crueldade, enfim, tão secos
Os olhos pode ter
Que a mais que Sanguinosa cena
Sem choro possa ver?

Pois mais que sangue e mais que morte
A nossa ausência é;
Nem posso crer que sem remorso
O mesmo fado a vê.

Mas prometemos... E em que havíamos,
Em quê, melhor gastar
Da longa ausência (e inda quão longa!)
O tempo, que em chorar?

Oh! mal, mal sabem os Vulgares
Amantes a doçura
Que goza a nossa Saudade
Do pranto na amargura!

Se ao nosso Amor o Mundo é nada,
Posso outro gosto achar
Mais do que amar-te, amar-te sempre,
Ver-te e se não... chorar?

Correi, correi, Saudosas Lágrimas,
Que este papel regais.
Veja o meu Bem que aos meus gemidos
Fiéis acompanhais;

Enterrecendo-o branda mente,
Oh, lágrimas maviosas!,
Fazei que chore outras mais ternas,
Mais doces, mais mimosas.

Ah!... mas não posso... ah!, Cruéis lágrimas,
Que a fala me tomais!...

Meu Bem! Oh!, ouve-me! oh!, entende-me,
Ao menos nestes ais!

A UMA INFELIZ NOTÍCIA

Ai de mim! que escutei? quem de repente
Me crava, num só golpe, mil punhais?
Que gélido terror assim nas veias
Me prende o sangue? Antes direi: que pasmo,
Que mortífero pasmo desta sorte
Ao chão me arremessou, sem cor, sem força.
Frio, Frio, e sem sangue, e sem alento? –
Oh! notícia cruel! Oh! de mim parte
Mais amada, melhor, gentil, divina!
Minha adorada enferma – enferma e longe,
E tão longe (ai de mim!) de quem tanto amas!
Que direi! que farei!... Oh! desditoso!
Cumpru-se, enfim, cumpru-se o fero agoiro
Que tão medonhamente me zunia
Em roda da Cabeça, e ora com ri vos
Me chamava de Noite, ora co'as pontas
 Das negras asas frias,
Batendo-me no rosto, me acordava
Sem tino, sem respiração... – cumpru-se,
 E de mim longe viu-se
(E, oh!, mísero de mim, se inda se vê!)
 Entre as cruentas unhas
 Da febre devorante,
 Aquele Cristalino,
 E transparente Corpo,
 Tão terno e delicado,
 Para os mimos formado
Do mais subi i me, mais que humano Amor!
E anda a mão asquerosa da doença
 Sem respeito, sem dó,
 Os membros profanando.
 Os membros maltratando
Tão formosos, tão sem iguais, angélicos!
E da face divina,
A finíssima púrpura avivando
Co'a sua ardente púrpura maligna;
 Outras vezes co' seu
 Pálido e frio véu,
 Tristemente cobrindo
 O rosto mais que lindo,
 Aquele rosto e olhos –
Querido rosto meu, queridos olhos
Para os quais inda achar não pude nome,
 Que os vulgares de fermosura e encanto
 Estio, oh! 'stão mui longe
 Do que continuamente
 Naquele rosto e Olhos

Esta Alma admira e sente!
 Os Olhos se me quebram
 De ver todo o meu Bem, o meu Bem único,
 Resumo sublimado
 De perfeições terrenas e celestes,
 Da febre atenuado;
 Da febre atropelado
 Aquele quase incrível
 Composto milagroso
 De formosura Angélica,
 De Angélica Virtude,
 O Corpo Formosura, a Alma Virtude!
 Ver isto eu, que temia
 Que até dos castos mimos do mais puro,
 Perfeito Amor, a mesma Suavidade
 Fosse para com ela grosseria...
 E quase até o olhar com liberdade
 Por sacrilégio tinha,
 Sendo ela tanto minha,
 Pois toda inteira, toda inteira é minha...
 Que no ditoso instante
 Em que divina, imperceptível força
 As nossas mãos e Corações uniu,
 Com corpo e vida e pensamento e tudo,
 Tão totalmente toda a mim se deu,
 Que de si mesmo nada em si é seu!
 E, oh, fortuna avarenta!
 Quanto tempo passámos,
 Quanto desperdiçámos.
 Ignorando bem tanto
 E quase satisfeitos só do quanto
 Possuídos nos víamos,
 Sem saber que igualmente possuíamos...
 Crendo-nos talvez de outrem, sendo nossos,
 Sendo nossos somente, e ambos um só...
 E havemos de acabar! e assim tão cedo?
 E tão longe um do outro? Oh! Oh! ausência! –
 E vós, fortuna, ou fado, ou providência,
 Do Universo Alma ou Rei, cansa primeira
 E princípio de tudo,
 Que tudo tão maravilhosamente,
 Há Séculos imensos,
 Não sei se diga oculto se patente
 Produzis ou regeis:
 Como, como podeis
 Resistir à piedade ou não senti-la,
 Do Coração tão terno que rasgastes
 E com tanto intervalo separastes?
 Chamaste justo e bom e onnipotente:
 E que devo (ai de mim) dizer? que posso?,

Se agora vir que tio perfeito amor
Em nosso casto peito só plantaste
 Para o segar em flor?
Triste! Oh, triste de mim!, que esperar posso
Da surda, da insensível natureza
 Que tão barbaramente
 Ou trata, ou tratar deixa,
A sua produção mais excelente
O seu milagre, seu adorno e Glória?
Ou se talvez livrar-nos
Dos pesados grilhões das Leis injustas,
E inumanos costumes dos humanos
 Não pode sem matar-nos?
 Se quer, se quer levar-nos
 A algum ditoso asilo
 Longe de Olhos profanos,
Ao crime e à dor oculto, inacessível,
Onde não ache, como aqui, limites
 O seu poder benévolo;
Asilo onde não manem outras lágrimas
 Nem mais suspiros voem
Se não os que derrama e os que exala
Maviosa virtude namorada
 Divinizado Amor...
Reclinados no seio da Ternura,
Ternura suavíssima que quase,
Quase parece lânguida tristeza,
E inda não houve tão contentes! riso!
Onde, enfim, conhecer nossa Alma possa
O Reino, a Pátria da virtude e nossa...
Se para coroar tão raro afecto
União tão perfeita de Vontades,
Para melhor unir-nos nos desata
 Deste terrestre laço,
Num eterno e por fim já livre abraço...
 Se o mais que pode dar-nos
 Nos quer dar, que é gozar-nos.
E de nos ver em tão injusta e dura
Separação ir consumindo os anos,
 Enfim, compadecida
Nos manda pela morte melhor vida...
Oh! tenebrosa, oh!, dura, impenetrável
E desconsoladíssima incerteza!
 Indiferente algum dia
Quando eu vivia livre, ou não vivia,
 Pois antes de ser teu
 Não era viver, não –
Era um mero durar o viver meu,
Era um mero crescer, era um estado
Sem vida, sem sabor, qual o das plantas,

E de gasto só sombras os que tinha
 Antes de seres minha.
Oh, incerteza tão cruel! – Ao menos,
Ao menos isto é certo, e fixo, e imóvel
Como a mesma certeza e a verdade:
Que o meu único bem, a que é minha Alma,
Sem mim (oh! não), sem mim morrer não há-de!
Longe, ah, longe de mim a triste ideia,
A injusta, a vil ideia de que possa
 Esta vida só tua –
Que as tuas mãos (ah!, lembra-te) salvaram –
E que só tua dantes sempre fora,
Durar mais do que a sua benfeitora!
 Contente-se a injustiça
 Do bárbaro destino
Com ter-nos tanto tempo tão distantes,
Tantas montanhas entre nós erguendo,
E tio longas Campinas estendendo.
Tão injusta distância, tio penosa,
E mais penosos, mais injustos usos
 (Antes direi abusos)
 Que no mundo só reinam
 Com tanta Crueldade,
Por falta de juízo e de bondade;
 E aos quais por ti, meu Bem,
E somente por ti guardo respeito,
E a ti só, não a eles, me sujeito!
De apartamento tão cruel contente-se,
Porque debalde intentará de um Corte
Desunir-nos, metendo em meio a Morte;
 Debalde adamantinas,
Impenetráveis trevas pavorosas,
 Feias visões e medos
 E mais feia incerteza
 Intentarão vedar-me
O temido Portal da Eternidade.
 Pois nem a Saudade
Dos meus Caros amigos (maviosa
 E tão justa saudade,
Mais que ferro ou que fogo poderosa)
Assaz forças terá para impedir-me
 Que voando te siga,
 Onde quer que guiares.
E onde irias tu, sem me levares?
Desfaleço... – Vós, lágrimas cansadas,
Lágrimas minhas, em tio dura ausência
Minha melhor, mais doce companhia,
Que há tanto tempo do meu mal o peso
 A levar me ajudais,
E agora de tal dor, de tanto susto

Consolar-me parece que intentais:
Se vive, consolai-me,
Mas se não, oh!, depressa, oh, sufocai-me!

A DESPEDIDA

E inda mais divididos do que estamos?
E inda para mais longe? Oh, e quão longe!
Que incerto e duro tempo de Martírio!
Se Martírio, se Pena, Dor, Tormento
Nomes capazes são, ou sós ou juntos
Para explicar o quanto, o quanto custa
O viver separado de quem se ama!
Quem ama terno, e fino e extremoso...
Céus!, que será de quem como nós ama?
Quem jamais tanto Amor teve e tão puro?
De união tão perfeita e tão Divina,
Quem no Mundo sonhou jamais?, quem pode
Crer que uma Alma governa assim dois Corpos?
Uma alma, um Coração, – Oh, injustiça!
Oh, maldade das Bárbaras Estrelas
Que de Si mesmo um Coração separam!
Um Coração que temos, no-lo rasgam,
E deleitam-se em ver correr o sangue
De duas amantíssimas metades
De um Coração tão puro como o nosso!
Em o ver palpitar e chorar sangue!
Sanguinolenta vista lastimosa,
Cruelíssima! Digna, não de Tigres,
Não de faminto Lobo ou feroz Ursa
Que os filhinhos perdeu, mas – oh, Prodígio!,
Cegos Mortais, e como haveis de crê-lo? –
Mas só digna das Celestiais Deidades!
As cruéis até lágrimas me negam...
Mas quem acuso em vão? de quem me queixo?
Sejais bem vindas, lágrimas saudosas,
Sejais bem vindas, doces, doces lágrimas!
No meu seio sereis agasalhadas
Daqui até quem pudera dizer quando,
Minhas inseparáveis companheiras! –
E enquanto falo, e enquanto choro, o tempo,
O inexorável tempo o passo dobra
E c’o dedo me mostra na ampulheta
Na ampulheta que sacudir lhe vejo,
Assinalado o fero Instante, o Instante
Do tristíssimo Apar... Apar... – Não posso...
Nem há-de ser, meu bem! e cuidas que há-de?
Nós separados? Não, meu bem! Nós longe?
E há Deuses? e são bons? e Omnipotentes?
oh, nomes vãos de coisas que ignoramos,
Mais vãs, mais vãs que os nomes que lhes damos!
Mas que loucura a minha! O Tempo voa!
E eu a afligir-te em vez de consolar-te!

Divina e melhor»» parte mie ruim mesmo!
Meu Encanto, meu Ídolo, meu Tudo!
Oh, única e completa dita minha!
Oh, não te aflijas: antes, se podermos,
Conjuremo-nos ambos contra o fado;
Frustramos seu malvado, vil intento:
Um do outro na dulcíssima lembrança,
Que achar, meu bem, podemos, senão Glória?
Um do outro na imagem tão amada,
Nas acções, nas palavras, nas finezas,
Nos sinais de Bondade, nos Extremos,
Nos suavíssimos, inefáveis mimos,
Todos nossos Sentidos empreguemos,
Com eficácia tanta, que as Estrelas,
As malinas Estrelas nunca vejam
Em nós outros Suspiros, outras Lágrimas
Mais que as de um fino Amor recompensado;
De um amor como o nosso... Oh! doces lágrimas!
Sois vós que eu choro agora? Oh, minha, minha...!
Separem-nos... mas, oh, de desunir-nos
Capaz jamais será poder algum!
Juntos ou Separados somos um.

TO A FRIEND UPON HER TOMB

Oh, Caríssima amiga!, digna (e tanto!)
De toda a Glória deste nome Santo!
Santa amizade! Oh, golpe mal previsto,
Não merecido! – e então como foi isto?
O agrado de anjo, discrição, bondade,
Que eram a alma, onde estão? – Na Eternidade.
E me encobre esta rasa sepultura
O corpo que era mais que formosura,
Sem inscrição, sem título, pisado,
Podre, em pó – daquela alma separado...
O que foste, e o que eu peno, oh!, diga-o este
Grito que eu só entendo: – «Ana, morreste!»
Acabou-se. – Oh, descansa, e estas aceita
Lágrimas da amizade mais perfeita;
E a que me há-de durar, dor de perder-te,
Inteira e sempre, até que possa ir ver-te,
Na desconolação do meu Semblante
Um monumento em tanto tens constante;
E a alma delida que dos olhos mana,
No peito escreve: – *Jaz aqui D. Ana.*

REMETENDO O A. OS VERSOS ANTECEDENTES DESDE «OS
RETRATOS» À SENHORA D. M. I. T. R. F. S.

Saí, versos do meu seio
Onde, viveis retirados:
Com respeito e sem receio
Chegai onde sois chamados.
Seria o receio ofensa
Que não inspira a presença
De rins olhos sábios, formosos,
Mas não menos piedosos.
Nem compasso impertinente
De Aristarco exacto e frio:
Nem vos sirva de desvio
Do mau zoilo o fel e o dente.
Não, da Musa lusitana
Maltratados não sereis.
Beijai-lhe a mão soberana:
Nela defesa achareis,
Contra a raiva insulsa, insana,
Das escolásticas leis;
Seguros desprezareis
Do Pedante a vara ufana,
Do seu código rireis;
De qualquer vista profana
Resguardados estareis.
Que a todos tem provado
Do amor da Verdade o ardor,
E inda quem tão bem pintado
Tem da Amizade o calor,
E qualquer verso sagrado
Se o dita a Verdade e Amor:
Por ela fostes ditados,
Escritos com singeleza,
Da Virtude e da Beleza
No regaço agasalhados.
E se aplauso e aprovação
Não poderdes conseguir,
Consegureis compaixão:
Saberá que uma afeição
Fez de dois um coração
Que a Morte veio a partir,
E que sangue e obrigação
Não deixam na morte unir.
Eu se não tive a ventura
De admirar de Jónia o rosto,
Tenho visto – e com que gosto! –
Da sua alma a formosura:
Não só me eleva a harmonia,

Mas mil rasgos preciosos
Da agradável Filosofia
E dos corações maviosos
A eléctrica simpatia.
Não vos arrasta a ambição,
À amizade obedecéis:
Só mereceis compaixão,
Que inveja não mereceis.

ELOGIO AO MARQUÊS DE POMBAL

Um Hércules salvando o globo terrestre na mão esquerda e esmagando com a maça que tem na direita a cabeça de uma Serpente que deita pela boca sangue e ouro e uma víbora e no fragmento de uma ex-... se vêem estes versos:

Negra Serpente ao Orbe se cingia,
Com asas, cauda, corpo, garras, dentes,
E hidrópica e sequiosa, o espremia,
Chupando à terra o ouro, o sangue às gentes;
Respira o Orbe, enfim, livre do imundo
Monstro. – Mas quem ganhou a alta Vitória
E extinto o manda ao Tártaro Profundo?
Di-lo a Razão, di-lo ufana a História:
– De Luso o Benfeitor e Pai, que glória!
Já Benfeitor e Pai de todo o Mundo.

A DECLARAÇÃO

Vós, que em torno girais do templo santo,
Ninfas, ninfas gentis, e sabeis quanto
A deusa, mãe de Amor, respeita e estima
Aquele que me fere e que me anima;
Em honra à mesma deusa um novo estilo,
E tal que pasmem os mortais de ouvi-lo,
Hoje inspirai-me; – que o objecto amado
De todo o meu affecto e meu cuidado
Para mim se encaminha. Eis o momento
Em que meu peito descobrir-lhe intento.
Ah! belíssima Tirse! que impossível
É deixar de te amar quem for sensível!
Que humano poderá de acaso ver-te,
Sem que deseje o coração render-te?...
Esses soltos, finíssimos cabelos,
Que tecem brandamente amor e zelos;
Essa, bem que se esconde, fronte linda,
Desgosto interno da invejosa Arminda;
Esses pretos sobrolhos arqueados,
Que nutrem o prazer dos namorados;
Esses olhos (oh, céus) não só formosos,
Mas sempre inquietos, sempre buliçosos;
Essas faces de leite e rosas vivas,
Que provocam a ideias sensitivas;
Esses doces beicinhos rubicundos,
Onde os amores vão pousar jucundos;
Esses dentes de Jaspe torneados,
Que trazem corações arrebatados;

Essa garganta transparente e bela,
Mostrando o néctar quando vai por ela;
Essas nítidas, castas redondezas,
Que inda arrufadas zombam das belezas;
Esses braços airosos, meigos braços,
Bem que comigo em todo o tempo escassos;
Essas nevadas, cândidas mãozinhas,
Que fazem ao se abrir certas covinhas;
Essa cintura esbelta e delicada,
Das três brilhantes Graças adornada;
Esses mimosos pés, botões de flores,
Que pisam mil vaidosos pundonores...
Finalmente, esse gesto, esse ar divino,
Atractivos do peito mais ferino,
São, oh, Tirse gentil, as prisões duras
Que as potências desta alma têm seguras.

Quem pode haver no mundo, que resista

Contra tão rara, deliciosa vista?..
E será crível que, onde a natureza
Ajuntou tantos dotes de beleza,
Habite um coração empedernido?
Não, minha bela: – se a teus pés rendido
Me vês por modo tal, mais com passiva
Deves tratar paixão tão excessiva.
Toma posse desta alma, que é já tua,
E que te faia co' a verdade nua.
Ante ti, nestes pulsos tomar quero
De Cupido os grilhões, que já venero.
Domina toda a minha liberdade,
Farás de duas uma só vontade.
Um leve agrado teu será bastante
A fazer-me ditoso num instante.
Deixa o repúdio, troca-o em ternura,
Que a isso mesmo chamarei ventura...

Mas ah!... que ela retira-se – Contudo
Naquele meigo olhar e gesto mudo,
Não sei que condolência lhe percebo!
Altas ideias desde já concebo.
Amor, piedoso Amor, se aos teus sequazes,
Como estou vendo, desgraçados fazes,
Assim me não suceda; – que eu contente
Prometo de seguir-te eternamente:
Atento à tua voz, já te respeito;
Sempre a teu mando me verás sujeito.

RECORDAÇÕES DE UM OBJECTO AUSENTE

Voai, ternos suspiros,
Voai nas asas dos ligeiros ventos;
Ide contar a Márcia quais tormentos
Sofre minha alma aqui nestes retiros.
Suspiros lacrimosos,
Enchem-lhe de piedade os seus ouvidos,
Arrancai-lhe do peito mil gemidos;
Dizei-lhe que, cercado de agonia,
Vivo aqui nesta serra escura e fria.

Acompanhai meus ais, olhos saudosos,
Vertem copiosas lágrimas, vertei –
Estes amenos prados deleitosos
Agora humedecei.
Oh, flores delicadas,
Do meu saudoso pranto rociadas!
Se para vos colher
Nalguma madrugada aqui vier
Essa formosa ninfa que me adora,
Dizei-lhe que o orvalho cristalino
Não é da roxa aurora,
É dos olhos de Olino;
Dizei-lhe, claras fontes,
Que as águas destes montes
Vossa clara corrente não turbou;
Mas que foram as lágrimas que a dor
Dos olhos arrancou
Ao seu fiel pastor.
Amantes rouxinóis, que enterneceis
Com vossas queixas meu aflito peito;
Dizei-me, tristes aves, se fazeis
No coração de Márcia o mesmo efeito, –
De Márcia, por quem vivo, a quem adoro,
Por quem são estas lágrimas que choro.

Mas onde me detenho?...
Não foi, nestes lugares, que gozei
Já nos braços de Márcia mil agrados?...
Não foi entre estes álamos copados
Que a delicada face lhe beijei?
Não foram estes campos venturosos
Que alegre já pisei com Márcia amada?...
Não foi aquela fonte prateada
Que via os nossos prantos amorosos?...
Ali!... Funestas imagens, quantos ais
Com lágrimas do peito me tirais!
Guia-me, meus cordeiros,

Vamos buscando agora outros roteiros
Onde a vida alimente
De lágrimas, de dores, de suspiros.
Fujamos nesta horrível solidão,
Que tanto me atribula o coração.

Mas ah!... que louco sou!...
Eu (triste) aonde vou,
Sem razão – sem sentido – em ânsia tal,
Se a qualquer parte, enfim, aonde for
Há-de o tirano amor
Levar comigo a camisa do meu mal!

AMOR NÃO CORRESPONDIDO

Céus! que fogo subtil meu peito inflama,
E as faces me incendeia!
Rói as entranhas solapada chama,
Salta de veia em veia
Em giro impetuoso o sangue ardente,
E o coração o incêndio estranho sente!

Tu, ó débil farol, tu só brilhante
Se a paixão adormece,
De espesso fumo nuvem crepitante
Teu clarão escurece:
O teu socorro imploro! – Acode, acode,
Se o teu império contra Vénus pode.

Nome fatal, no coração guardado,
(Que dos lábios não fio)
Desse objecto divino que adorado
Causa o meu desvario!
Nenhum mortal pretenda adivinhar-te,
Se em meus tormentos não quiser ter parte.

Amuar sem esperança!... – Oh, que tormento!
Eu sinto os tens furores;
E nem sequer alcança o pensamento
A ideia de favores!
Deuses cruéis, se a vossa fúria é tanta,
Como a vós o mortal as mãos levanta?

Porque tão liberal, oh, Natureza!,
Lhe deste dotes tantos?
Ajuntando talentos à beleza,
Mais valentes encantos!
Se a minha alma devias dar desejo,
Desses-lhe a glória por que louco adejo.

Mas viver em suspiros afogado,
Sem soltar um suspiro!...
Sem tino, sem discurso, perturbado,
Esconder que deliro!
Não podem teus tormentos, oh, inferno!,
Igualar os que sente um peito terno.

Cruel destino! – E devo em frágua ardente
Extremoso adorá-la,
E teu bárbaro furor não me consente
Que inda espere alcançá-la?...
Terei de vê-la, em braços mais ditosos...

Primeiro, abismos, me tragam piedosos!

Tu, que envenenas meus aflitos dias,
Oh, bem idolatrado!,
Que tão felizes renovar podias
A despeito do fado;
Se amor não sentes no mimoso peito,
Sente da compaixão o doce efeito.

Ah! – volve nua vez, volve, olhos brilhantes
Em ternura banhados!
Sejam os meus suspiros incessantes
No teu seio guardados!
De gosto, de ternura um só momento
Séculos mil apague de tormento.

LEMBRANÇAS DE UM TRESPASSO

Justos céus! – que fúnebres imagens
Me cercam horrorosas!
Uma pálida mão ensanguentada
Me rasga o triste peito!
Que vejo!, pois me sinto encher de susto
E de pavor banhar-me...
Tremor-me o corpo todo, em acidente
Voltar-se o alegre rosto...
Porém, de que me admiro? A triste imagem
Me representa a ideia
Da minha Lídia bela, ah!, Lídia amada,
Causa dos meus suspiros!
Quem trocou teu semblante, que era trono
Da mesma formosura,
Em tão medonha forma e te arrancou
Do corpo a doce vida?
Ah!, lembranças cruéis, afugentam-vos
Da minha fantasia...
Eu julgo agora mesmo estar propínquo
Da minha cara Lídia,
Como estive (ai de mim!) ao mesmo tempo
Que a Parca inexorável
Com fria mão do peito lhe arrancava
A alma preciosa!...
Eu aflito então vi aqueles olhos,
Que a tantos morte deram,
Tornar-se de formosos e brilhantes,
Frouxos e denegridos...
Eu vi, eu vi seus beijos rubicundos,
Das delicadas rosas
O mais próprio retrato, transformar-se
Na cor triste e magoada
Das roxas violetas... Eu as vozes
Ouvi intercidentes!...
Eu vi, eu vi os braços delicados,
Com movimento lânguido,
Estar lançando a uma e a outra parte;
E ora com o direito
Amparar o semblante descurado,
Ora com o sinistro
Da descomposta cama estar pendente!
Aflita e inquieta,
Mil voltas dando já co' o fraco corpo
Na última agonia!
Eu senti, eu senti arrefecer-lhe,
E os últimos arrancos...
Mas ai, piedosos Céus!... ai!, que eu não posso

Narrar o paroxismo.

CONTRA OS VÍCIOS, QUE IMPEDEM O PROGRESSO DAS CIÊNCIAS

Que te serve, Montésio, envelheceres
Curvado sobre os livros, noite e dia,
Vendo esconder-se o sol, raiar a aurora,
Convulso de cansado o débil peito?
Que esperas de trabalhos tão contínuos?
Acaso esperas que a tiara ou toga,
Os teus duros cuidados premiando,
O sangue requeimado adoce e acalme?
Como enganado estás! Que mal conheces
O mundo sabichão como procede!
Para pingues prebendas desfrutares,
E rendosas comendas, não careces
Que Beauze, Lancelot Marsais, Duclos,
Masclef, Sanches, nem Vossio te consumam
Com a arte de arranjar quatro palavras;
Nem que o Orador de Roma, ou que o de Atenas,
Te cansem co'a análise de seus ralhos;
E muito menos inda necessitas
Que tu do Pórtico ou do Liceu saibas
O sábio maquinismo; porque forma
O cérebro os ídolos que te amostram
As essências reais dos contingentes;
Que do sábio do Norte ansioso inquiras
A recta latitude, que te aparta
Do flamígero globo no horizonte:
Tudo quimeras são! são puros nada!
Trabalho para escravos, homens duros,
Que não contam avós, e de quem foge
O pálido metal filho dos crimes;
Porém não para espíritos subidos,
Para génios bem-nascidos, mal criados,
A quem desde as mantilhas bafejaram
Melindrosos desdéns estragadores.
Se queres que a Fortuna favorável
Em seu templo venal te dê entrada;
Que risonho te amostre sempre o rosto,
E pródigos tesouros te faculte,
Não é esse caminho, o que tu trilhas,
Que aos altares da deusa há-de levar-te.

Para teres rabões que te conduzam
Em douradas berlindas na cidade,
Petulantes lacaios bem fardados,
Que na cor e nas frisas das librés
A todos apregoem quem vai dentro;
Para teres criados lisonjeiros,
Que te furtam, te roubam, que te mentem;

Que te louvam na cara dos teus vícios,
E logo na cidade os alardeiam; –
Para seres, enfim, quando apontares
À porta de um dos grandes, escoltado
De venais servidores, que já te esperam,
Avisados do signo diligente
(Repara bem se dá três badaladas!)
Que o sórdido laca ir), graduado
Em vil guarda-portão, que aí empunha,
Com inveja dos outros camaradas,
A grossa-argêntea maça, mais soberbo
Do que o vilão juiz na sua a Ideia
Em dia de arraial a vara cinge,
Tange quando na escada te apeares;
Para teres, Montésio, destas honras,
Destes entes reais da fantasia,
Não precisas que à luz de gorda vela
As longas noites passes, conversando
Co'os míseros finados, cujos dias
(Míseros dias!) foram consumidos
No estudo das ciências e das artes,
Que honram a pátria e o rei immortalizam:
Outras regras seguido, afoito podes
À má ventura mísera forrar-te.
Desprezando temores e respeitos,
O saudável e sábio encolhimento,
Da santa audácia enrosta o capitólio;
E, só humilde ali, das suas leis
Toma por graduação borla e capelo.
Em todos seus direitos enfronhado,
Farás bem se fizeres um pecúlio
De engraçadas novelas de Supico,
De ditos agudíssimos, galantes,
Que na conversação têm seu lugar.
Serás com tais princípios um Catão.

Entre os grandes audaz, intrometido,
Qual a gralha de Esopo entre os pavões,
Apesar de mil golpes sem queixar-te
(Golpes que a honra ferem!), sem mostrar
Os borbulhões de sangue, que rebentam
Da profunda ferida que traspassa
Ó coração bem feito, a alma heróica;
Sem te ofenderes, digo, do que ofende
A essas almas estóicas, presumirias
D'o mundo governarem por seu dedo,
E por essa virtude que soberbos
Ostentam que honra chamam, mas que os sábios,
Os discretos políticos da mona
Com razão por quimera denominam;

Sem, enfim, te queixares insultado;
Risonho sempre, sempre agradecido;
No mérito da audácia confiando,
Tudo o que pretenderes audaz tenta.
Pede, insta – e não te lembre que o que pedes
Para o são merecimento destinado
Pela recta razão e pelas leis,
Por direito das gentes tenha sido.
A nova órbita, em que o universo gira,
Há muito que este centro desconhece.
O sábio benemérito, prudente,
Louros não cinge, quando a audácia impera.
E tu, por presumido, temerário,
Não cri ides disputam--lhe a primazia
A troco de trabalhos que te mirram.
Mas tu não falas?... Dize, que respondes?

– Que hei-de dizer, Alcino?... Que já basta
Do peito me cansares com tais avisos.
Inda que esse sistema o tempo aprove,
Eu te juro que nunca hei-de segui-lo.
Das modas e dos teres vãos fantasmas
Não são os que me obrigam com seus fósforos
A velar longas noites, conversando
Com o divino Camões, Ferreira e Barros,
Bernardes imortal e o grande Sousa.
Que em cofres chapeados guarde astuto
O sórdido mineiro o metal louro,
Com mil p'rigos da vida procurado:
Não me acorda a cobiça, não lho invejo;
É fofa esponja que o herdeiro espreme.
Passe embora à gineta, atropelando
O mísero mendigo, pelas ruas
O vão peralta; o rico, o grande, o nobre
De esquisitos manjares farte a gula,
E do roxo licor em lautas mesas...:
Um momento, que pensem, sou vingado!
Eles não têm, do que eu, melhor saúde,
Não gostam o doce sono tão tranquilos.
Contente vivo, sem sonhar em quintas,
Em dourados palácios, nem carrinhos.
Desfruto em paz a farta natureza,
Que sem vãos apetites me sustenta.
O lisonjeiro estude o vão segredo
De agradecer desprezos: como é louco,
Coberto de baldões e de impropérios,
Pretendendo formar estável torre
Sobre o fumo veloz do cabimento!
Não são estes, Alcino, não são estes
Os fins que me proponho em meus trabalhos:

O ser útil ao rei, à pátria, ao estado;
O respeitar das leis o mando augusto;
Socorrer, quando posso, o pobre oprimido;
Abrace da virtude o nobre influxo;
Fartar o coração de altas ideias,
Bebidas da moral nas fontes puras –
Eis aqui, meu Alcino, a grande meta
Que devemos tocar, se pretendemos
De palmas imortais cingir as fronteiras
E ter nome na póstuma memória.
Bem sabes que não pode a mole inércia
A tão alto chegar em seus caprichos:
É força revolver as frias campas
Dos varões mortais, que a pátria ornaram,
Juntar-lhe as cinzas e tratar com elas.
Se os fofos Salomões outros caminhos
Acham no mundo errado, fica certo
Que irão no túmulo a fazer sem nome.

MADRIGAL

Se desejas conhecer
Esse objecto singular
Que me traz arrebatado
Sem poder-lho declarar:

Corre o ló daquele espelho;
Verás nele o gesto amável
Do bem que amante idolatro
Co'a paixão mais desculpável.

OS AMORES DE MONTANO E DE EUZÉLIA

HISTÓRIA PASTORIL

Agora que o fero Éolo
Os ventos tem enfreados,
Em negras covas metidos,
Crina grandes montes fechados;

Agora que o doce Tejo
De mil baixéis oprimido,
Por entre arenosas praias
Corre manso e adormecido;

Enquanto a relva pastando
Vai nos campos o meu gado
À sombra deste alto freixo,
Entre flores assentado,

Eu aqui da minha Euzélia
Recordarei os favores,
Venturas que então gozei,
Quando gozei seus amores.

Aqui trarei à lembrança
O alegre dia ditoso
Em que comecei, por vê-la,
A chamar-me venturoso.

A sua graça e beleza,
Seu coração e virtude,
Não pode bem celebrar
Minha tosca fruta rude.

Mas a Amor, que é engenhoso
E faz mestres de repente,
Pedirei a lira de ouro
Para a cantar dignamente.

Ó tu, que conservas na alma
(Inda que estejam ausentes)
As mais antigas acções,
Como se fossem presentes;

Oh, reprodutora bela
Dos objectos já passados,
Pinta-me com vivas cores
Do meu amor os cuidados.

Deixa-me amostrar a todas
As pastoras, num instante,
Da fé mais pura em Euzélia
O terno exemplo constante.

Em vão se queixem de amor
As pastoras e pastores;
Que eu dele favorecido
Cantarei os seus favores.

Quando o meu gado pastava
A fresca relva viçosa,
Vi a minha cara Euzélia,
Mais do que as Graças formosa.

Logo que cheguei a ver
Tão belo e raro portento,
De a adorar um terno affecto
Senti na alma num momento.

Logo de amor não senti
O formidável poder;
Que rara vez de repente
Puro amor pode nascer.

Que o que viu a bela Anarda
Tão somente a vez primeira,
E diz que em seu peito sente
Terna paixão verdadeira,

Quase sempre é fingimento,
Que em seu coração sustenta:
Dele fujam as pastoras
Qual de cobra peçonhenta.

Eu que a linda Euzélia vi,
Com respeito e atenção,
À sua beleza ofertei
O meu terno coração.

Gozei de tanta fortuna,
Tive ventura tão alta,
Quando de Flora o matiz
Os campos todos esmalta.

Vinha Euzélia neste dia
Ah!.. tão bela, e tão formosa,
Que as Graças, e a mesma Vénus
Dela seria invejosa.

Eu de amor nutria os fogos,
Meu coração lhe ofertava,
E da sua ardente pira
Novos incêndios tirava.

Mas como amor e respeito
Eram só que me guiavam,
De ofertar-lhe a minha fé
Ambos eles me apartavam.

Vinha Euzélia encaminhando
O seu gado para a fonte;
Já tinha o monte descido,
Já vinha a passar a ponte:

Fui ao encontro sair-lhe;
Beijei-lhe a nevada mão;
Quis retirar-me depois,
Mas ela me diz então:

– «Vem cá, Montano, não fujas:
Beijas-me a irão perturbado?...
Apartas de mim teus olhos
E ficas corno assustado?»

Quem te entristece, pastor?
Que podes de mim recear?
Se de amor nasce o que temes,
Nada te pode assustar.

Eu de há muito que conheço
Tua pura fé constante;
Sei que o teu peito é firme
E capaz de ser amante.

A minha alma é racional,
É dócil meu coração;
E sei terna agradecer
Uma sincera paixão.

Que se amor inda não tenho
Para minha alma entregar-te,
Em ti há dotes bastantes
Para qualquer estimar-te.

Não cuides, pastor, me ofendes,
(Se puro amor te governa)
Em amante idolatrar-me
Tendo paixão pura e terna.

Que amor é livre vontade,
Em nossa alma produzida;
Paixão que interessa a todos,
Única glória da vida.»

Qual o mísero inocente,
Entre ferros oprimido,
Por feios crimes supostos
Em dura prisão metido;

Que sofrendo mil tormentos
Passa a vida miserável,
E depois de longo tempo
É tido por inculpável:

Os tormentos que passara
Vê num momento trocados
Em favores da ventura,
Com mil bens recompensados;

Assim eu, neste momento,
Tão feliz me acreditava,
Que a glória que possuía
Por nenhuma outra trocava.

Depois de tanto respeito,
Tantos sustos e temores,
Receios que me vedavam
Ser feliz em meus amores:

Ouvir eu da minha amada
Aceitar meus rendimentos,
E passar ledos os meus dias,
Depois de tantos tormentos!...

Oh, caro amor, doce e terno,
Que posso eu de ti dizer?...
Tanta ventura que gozo,
Como posso agradecer?

Perdoa-me, se há mais tempo
Eu te não vivo sujeito;
Perdoa, se tarde sinto
Do teu poder o efeito.

Mas desde já te protesto,
Em teus altares jurando,
Ir os dias que me restam
No teu serviço gastando.

‘Té depois que em mim a morte
Empregue o golpe fatal,
Tu viverás por Euzélia
Em a minha alma imortal.

Ah! Tendo assim exclamado
Quando mil votos fazia,
De ser firme à minha Euzélia
Deste modo respondia:

– «Pouco a pouco, oh, caro bem,
Me concede os teus favores;
Devagar deixa que logre
A posse dos teus amores.

Que tanta ventura junta,
Tão grande bem repentino,
Muito é para um desgraçado,
Em amor sempre mofino.

Mas se una dia o deus de amor
Aceita os meus rendimentos,
Já por ti em seus altares
Vou prestar meus juramentos.

Sim, eu juro... – Mas que faço
Em juramentos formar?
Pois se Euzélia me acredita,
Que mais quero protestar?

Quem diz ter fé constante,
Afecto sincero e puro,
E jura, para que o creiam,
Nunca em amor foi seguro.

Basta-me, oh, cara, que eu beije
A tua cândida mão;
Que nela deixarei firmes
Sinais da minha paixão.»

Ternos ósculos lhe imprimo,
Em a mão nevada e bela,
Verti lágrimas de gosto,
Fiquei morrendo por ela.

Mas já o sol se sepultava
Nas ondas do vasto mar;
Os cordeirinhos balando
Já deixavam de pastar.

Adeus!... adeus, caro bem!
No fundo vale já vejo
Escura noite invejosa
Roubar-me quanto desejo.

O negro manto que espalha
Gozar-te me vai vedando,
Para os currais nos convida
O nosso gado balando.

Mais tempo não quer o tempo
Que passemos juntamente;
Sigamos a natureza
Em seus preceitos patente

Sina, adeus..., adeus, amada
Caro bem a quem adoro,
Único prazer desta a lira,
E por quem Amor imploro.

Ah! adeus – E neste instante,
Ao fero tempo cedendo
Ela foi o monte acima,
Eu fui o vale descendo,

Cheguei às Praias do Tejo,
Onde a minha choça estava;
Meti no curral o gado,
Ledo meus bens recordava:

O doce amor puro e terno
Amantes afortunados;
As lidas, gostosa lidas,
Os tempos tão bem passados...

Quem um puro amor sustenta
Um afecto verdadeiro,
Desfruta nona só momento
Os gostos do mundo inteiro.

Respeitar o bem amado,
Ter fé, constância e firmeza –
São dotes que deve ter
O que de amante se preza

Que ele então conhecerá
Em seu amor venturoso
Que não é o imenso ouro
Quem faz ao homem ditoso

GLOSA A MOTE ALHEIO

*Quando te não conhecia,
Nada de ti se me dava,
Sem pensamentos dormia,
Sem cuidados acordava.*

GLOSA PEDIDA

I

Paixão violenta e mimosa
Que me dás gosto e me anseias,
Que com pesadas cadeias
Me tens presa e não queixosa:
Serei contigo ditosa,
Minha doce companhia?
Que me dás pela alegria
Com que o meu tempo passava,
Quando em paz e livre andava,
Quando te não conhecia?

II

Por paz me dás guerra viva:
Meu sossego está trocado
Em um contínuo cuidado,
E eu de alegre em pensativa!
Era livre e estou cativa:
Ó quanto enganada andava!
De ti me não recatava,
Fero amor, de ti me ria.
Como te não conhecia,
Nada de ti se me dava.

III

Mas dou por bem empregada
A perdida liberdade:
Tão rara felicidade
Vejo em ti reconcentrada
De tal sorte enfeitada
Me trazes a fantasia,
Que penso que não vivia
Até agora – vegetava,
Porque sem gozar velava
Sem pensamentos doou!...

IV

Ninguém creio que possua
Mais fiel, mais terno amante.
Vejo até no seu semblante
Que é talvez mais meu que eu sua:
Sim, puro amor, já é tua
E para ti se guardava
Quem dantes te desprezava,
Quem insensível vivia,
Quem sem cuidados dormia,
Sem cuidados acordava.

GLOSA A MOTE ALHEIO

*Porque razão não fizeste
Justo Céu! porque razão
Menos áspera a virtude,
Ou mais forte o coração*

GLOSA

Triste humana geração!
Das obras da Natureza
Se tens a mesma beleza,
Tens a pior condição.
Na tua mesma razão
Mil estragos concebeste.
Tirano Céu! se quiseste
Só homens de peitos broncos,
Tudo pedras, tudo troncos,
Porque razão não fizeste?

Se uma Lei severa e dura
Contrária à lei do prazer,
Havia de desfazer
A doce lei da ternura,
De outra irais forte estrutura
Fora o nosso coração;
Insensível da paixão
Ao suave, brando efeito,
Porque razão não foi feito?
Justo Céu! porque razão?

Em que pode ser culpada
Uma a lira terna, inocente,
Se de uma paixão ardente
É vítima desgraçada?
Não tem culpa em ser formada
De cera e não seixo rude;
O Céu que a fez, a mude,
Se não quer sua desgraça,
Ou mais compassivo faça
Menos áspera a virtude.

Toda a razão se despreza
Com o fogo das paixões;
Só furiosos dragões
Tem por si a Natureza.
A nossa abra vê-se presa,
E acha suave a prisão.
Torne o Céu por compaixão,

Por lei branda, lei afável,
O crime menos amável,
Ou mais forte o coração.

A BELA

EPÍSTOLA

Se houver alguém que te diga,
Que amor é crime terrível,
Tal não creias; quem não ama
É mais que bruto, insensível.

Tudo a Amor vive ligado,
É geral esta paixão,
Só não amam duras pedras,
Ou quem não tem coração.

A próspera Natureza
Do Mundo por toda a parte
Igual, e constantemente,
Os seus influxos reparte.

Esta faz que as aves usem
De gorjeios e trinados
Para atrair os consortes
A gozar doces agrados.

Faz que as mesmas plantas
Em recíprocos abraços,
Umas com outras se enredem
Em subtis, estreitos laços.

E que com grata harmonia
Entre si se comuniquem,
E de Amor reanimadas
Vivam, cresçam, frutifiquem.

O Tigre, o Leão sanhudo
Domam furor e braveza,
Apenas sentem no peito
Impulsos da Natureza.

Se finalmente nas plantas
E uns brutos animais
A natureza nos mostra
De Amor patentes sinais,

Nós, que além da Natureza
Temos de mais a razão,
Uma alma disposta a amar
Um sensível coração;

Que sabemos dar valor
A uma extremada beleza,
E conhecer'harmonia
Da razão e Natureza;

Nós, que estamos na distância
De escrever subtis inventos,
P'ra do peito exprimir
Escondidos sentimentos;

Que neste modo faremos
Voar a longos retiros
Ternos ais, brandos queixumes,
E magoados suspiros;

E na presença o celeste
Dom da fala possuímos,
Com que ao bem, que idolatramos,
Nessa paixão persuadimos;

Que finalmente gozamos
De inventar expressões vivas,
Para as paixões retratar
Ao nosso bem mais activas;

Nós, que tudo enfim vencemos
Aves, Feras, Vegetais,
E temos por superiores
Tão somente os imortais;

Havemos o doce instinto
Da paixão de amor calcar?
Impulsos da Natureza
Deveremos sufocar?

Sendo Amor uma paixão
De que ente algum não se exime,
Há-de aos outros permitir-se,
E em nós há-de ser crime?

Porventura acções que são
Ao homem naturais
Hão-de tornar este homem
Credor de culpas mortais?

Acaso devemos crer
Que o Céu as acções reprova,
A que a Natureza obriga,
E a sã razão aprova?

Ah! meu Bem! vê que te iludem,
Não creias em tais enganços,
Não dê ouvidos às vozes
De rudes Bonzos tiranos:

Essas construções são filhas
Da fanática dureza,
A quem apraz, mais que tudo,
Ver consternada a beleza.

Para saber a verdade
Escuta só a razão,
A Natureza consulta,
Consulta o teu coração.

Nas vozes da sã razão
Não pode haver falsidade,
Aos ditames da Natureza
Anda ligada a verdade.

Finalmente, quem pensar
Com madura reflexão,
Jamais verá discordar
Natureza e Razão.

ELEGIA

Quando os passados bens me representa
No mais secreto de alma o pensamento,
Que quanto mais os vê mais se atormenta,
Tal forma toma neste apartamento
Que nada me dá agora mor tristeza
Que o que me dava mor contentamento.
E quanto vive a glória em mais largueza
Tanto é maior agora a perda dela,
Que onde é mor o poder, é mor a presa,
E já se consentira minha estrela
Que tivesse esperança de cobrá-la
Como tive receio de perdê-la!
Somente aquele alívio de esperá-la
Na força do que quero sustentado
Me alcançara vigor para alcançá-la.
Mas segundo do tempo sou tratado,
Bem posso rezear que algum descuido
Me roube o galardão do meu cuidado.
E quando aquela fé, que eu nunca mudo,
No mor perigo seu melhor guardada
A quem tudo entregou mereça tudo.
Então dos belos olhos desprezada
Com tão pouca razão saia esquecida
Conquanto deve ser sempre lembrada.
E para isto só granjeio a vida:
Muito melhor partido me seria
Antes de mais perder vê-la perdida.
Por ventura que assim descansaria
E metendo-me a vida em tanta afronta
Acha ria na morte cortesia,
Nestes modos Amor meu bem desconta
E não me vale a minha confiança,
Que se muito montou, já nada monta.
Cansa-me o tempo, cansa-me a tardança
Com que ele corre, e a alma que trabalha
Quanto ele tarda mais, menos descansa.
Então, em vão suspiros vão espalha
E qualquer bem que possa descansá-la
Sempre Amor lho atalhou, sempre lho atalha.
Pois se os males que passa acaso fala
Não tem parelha a dor dos que descobre
Com os graves tormentos rios que cala.
Antes quantos mais são, mais os encobre,
Até que por crescerem juntamente,
Dobrando-se o segredo, o mal se dobre.
Porém como lhe lembra que o que sente
Dela, a vós lhe vem, nunca é tão triste

Que logo isso o não faça ser contente.
E como todo o seu bem em vós consiste
Convosco só se vale, a vós se acolhe,
Por onde vós assistis só glória assiste.
Que na luz desses olhos se recolhe
Onde com larga mão se lhe concede
Quanto já justamente se lhe tolhe.
Mas depois que é forçado lhe concede
Outra vez de seus males combatida
Em vão se queixa, em vão mercês vos pede.
Assim passo uma ausência tão comprida
E se inda tenho viria desta sorte
É porque entende Amor que a própria vida,
Vivendo como vivo, é mais que morte.

SÁTIRA DE FRANCISCO DIAS GOMES A JOSÉ ANASTÁCIO DA CUNHA
SEGUIDA DE RESPOSTA DESTE

Vem cá, louco varrido, que diabo
Te meteu na cabeça ser poeta?
Quem te chegou a tão extremo cabo?

Não vês que toda a gente anda inquieta,
Cansada de sofrer teus argumentos,
Que te julga demente, que és pateta?

Eu nunca imaginei que teus intentos
Fossem fazer-te vão: agora julgo
Que em nada se tornaram teus talentos,

Se eu crera em quantas petas conta o vulgo,
Das feiticeiras sórdidas e avaras,
E outras, que aqui não digo, nem divulgo,

Dissera que perjuro te mostraras,
Que infido amante da cruel Canídia,
Seus mágicos encantos divulgaras.

Que ela, por castigar tua perfidia,
Sobre as asas dum Lémure corra
O Tauro, o Atlante, o Nilo e a seca Lídia,

Onde ervas potentíssimas colhera,
Com que mistos venéficos, horrenda,
De funestos efeitos compusera.

E porque ao fim viesse da contenda,
Pela alta noite, bárbara, ululara,
Com voz funesta, horrísona e tremenda,

Que as infernais Deidades convocara
Do tremebundo Tártaro, formando
Mil círculos no chão com fatal vara.

Pálida e consumida, suspirando,
As hórridas madeixas crisadas
Com elas murmurara um canto infando.

Ali foram de todo desatadas
As prisões que a teu corpo o siso unia;
Ali tuas ideias perturbadas;

Somente em ti ficou triste mania

De maus versos fazer, de argumentar
Com quantos há, nas praças, noite e dia.

Não deixa a gente já de murmurar
Dessa tremenda fúria que te agita,
Desse teu furioso e vão falar.

Cuidas que, ainda que néscio, assim se excita
A celebrar-te o povo por ciente,
Ele que em tudo mofa, e fel vomita?!

E julgas que de rústico não sente
A diferença que há do branco ao preto?
Por certo que te enganas claramente.

Tu crês que só quem faz um bom soneto,
Ou decifra um enigma matemático,
Esse só tem juízo e é só discreto?

Se para ser qualquer da vida prático,
Bem aviado está, se lhe é preciso
Ser um grande geómetra ou gramático.

Tal há por esse mundo, e tal diviso,
Que, sem saber a regra do *abc*,
É sagaz como trinta, e tem juízo.

Como queres tu pois que não te dê
Surriadas o povo maldizente,
Posto que nunca estuda, e nunca lê?

Se ele anda já cansado longamente
De ouvir as tuas vãs declamações
Com que pretendes emendar a gente!

Se defender intentas conclusões,
Mestre em artes, de borla ou capacete,
Por que te ouçam as tuas decisões,

Rapa a cabeça, tu, frade te mete:
Combaterás então mais forte e ufano,
Que um guerreiro montado em bom ginete.

Não andes pelas ruas como insano
Silogismos em bárbara formando;
Se assim queres ter fama, é grande engano.

Que quer dizer, contínuo, andar falando
Em curvas, corolários e problemas,
Demonstrações fazendo e explicando?

Quando te ouvem falar em teoremas,
Escalenos triângulos e rectas,
Esferóides, polígonos e lemas,

Julgam ser isso termos de patetas
Ou desses que têm pacto c' o diabo
E lhe falam em partes mui secretas.

Pois eu de aconselhar-te não acabo,
Se por tal te tiverem, fugirás
Como cão com funil atado ao rabo.

Em vão com grande esforço ladrarás,
Distinguindo a menor que, concedendo
Quanto o povo quiser, à força irás.

Que achaste, inda que tu lhe vás dizendo,
Do círculo a sonhada quadratura,
Nada te valerá, segundo entendo.

C' os rapazes e moços, gente escura,
Gente indómita, enfim, tua pessoa
Não poderá jamais andar segura.

Tanto já de ti falam por Lisboa,
Que quando vais por uma praça, ou rua,
Grande sussurro em toda a parte soa.

Ora pois tem razão, que a audácia tua
E teus discursos vãos e palavrosos
Dão causa a que qualquer teu sestro argua.

Eis aqui porque chamam ociosos
Aos que às letras se aplicam, *temerários*,
Fantásticos, hereges, mentirosos.

Os fidalgos os têm por ordinários,
Baixos de nascimento, sem avós,
L) e humildes pensamentos, vãos e vários.

Se alguém com acto humilde e baixa voz
Lhe oferece o elogio em prosa ou rima,
Louco, dizem, *te vai longe de nós.*

De nós a poesia não se estima,
Vê se tens outra cousa por que valhas,
Fala-nos de cavalos ou de esgrima.

L) e cavalos, de esgrima, de batalhas,

Não dessas verdadeiras batalhadas
Com lança e espada, aéreas antigualhas.

Entra por esta brecha ás cutiladas,
Amigo, tu que nisto és o primeiro,
Segundo já te ouvi grandes roncarias.

Não te ficou venida no tinteiro,
Nem tantas soube o Molho destemido,
De malsins espantalho verdadeiro.

Se te ouvira o Palermo esmorecido
Da corte se ausentara, por não ver
Com teu valor seu crédito abatido.

Bem podes pelo mundo discorrer,
Novo Roldão, armado de armas brancas,
Mil encantos e agravos desfazer.

Leva rio teu cavalo sobre as ancas
Tua dama sentada; esgrime e clama,
Que assim tudo afugentas, tudo espancas:

Ganharás maior nome e maior fama,
Do que andar versos maus vociferando,
Dignos rios becos sórdidos de Alfama.

Se a fazer versos lá do lago infando
O diabo saísse em tons diversos,
Tais como os teus faria, ímpio e nefando.

Por isso, não os tenhas por perversos,
Aos que pulhas te dizem, porque, enfim,
Não há cousa pior do que maus versos.

Antes mais vale ser vilão ruim,
Frade apóstata em casa das mancebas,
Do que ser mau poeta, antes malsim.

Agora quero eu que me percebas:
Se alguém te aplaude e rijo as palmas bate
É porque mais em teu vício te embebas.

Que aqui te manifesto sem debate,
Todos esses amigos que te cercam,
Todos te têm por um famoso orate.

Quais há que rindo o fôlego não percam,
Vendo, quando andas só, teu ar profundo?
Se o gosto não No invejo, caro o mercam.

Como o que anda dum bosque lá no fundo,
As feras conversando e as amadriadas
Desgostoso das gentes e do mundo,

Quem te vê suspenso, outras ilíadas
Julga que andas compondo, alto portento!
Outros novos altíssimos *Lusíadas*.

Mas cana vez que recordar intento
Teu soberano e largo magistério,
Fico qual nau sem leme ao som do vento,

Ali tudo decides com império:
Não foram tão despóticos em Roma
O tirano Calígula, ou Tibério.

Qualquer, de ti pendente, lições toma,
Não ousa, inda que queira, dizer nada,
Que tudo à tua voz se rende e doma.

Ali qualquer matéria é bem tratada,
Com larga voz e cópia de palavras,
Ali com teu discurso iluminaria.

Antes falasses tu em gado ou lavras,
Do que em ciências, de que nada entendes:
Ou fosses para o monte guardar cabras.

Novos sistemas se fundar empreendes,
Por que a fama no número te conte
Dos grandes homens, que ofuscar pretendes,

Pede ao bom Ariosto que te monte
Sobre o seu grifo rápido, e serás
Outro Astolfo, outro audaz Belerofonte.

Ao côncavo da lua subirás
Para ver se descobres novos mundos,
Mas nunca o teu juízo encontrarás;

Perdeu-se como pedra em poços fundos,
Que nunca acima vem, nem nada ou bóia:
Juízos são de Deus, altos, profundos!

Não te esqueça maranha, nem tramóia,
Por que ao fim desejado te conduzas:
Mais famoso serás que Helena e Tróia.

Avante, ó novo Gama, já confusas

Com as tuas acções vejo as antigas,
E para te cantar prontas as musas.

Tem-nas da tua parte por amigas,
Matéria dando a sátiras facetas
Como as de Horácio, destro nestas brigas.

Se minhas forem, não serão discretas,
Porque da rima a música sonante
Adorna as minhas pobres cançonetas.

Inda esta nos faltava, a cada instante
Andares tu contra ela declamando!
Que mal te fez o pobre consoante?

Quando o chamas não vem logo a teu mando?
É porque com verdade não se preza
L) o teu engenho o som suave e brando.

Eles fogem de ti com ligeireza,
Os consoantes, porque em ti não sentem
Para bem usar deles natureza.

Se as minhas conjecturas me não mentem,
Os que poetas querem ser à força,
Pouco de um seco rábula desmentem.

Em vão um pobre espírito se esforça
Por que os seus versos soem docemente,
Por mais e mais que o pensamento torça.

Nunca ouviste dizer que Apolo ardente
Agita a fantasia dos poetas
Para que mais seu cérebro se esquente?

Inda que ouçam razões muito discretas
Das mulheres e filhos que pão pedem,
Deixam ficar-se, assim como patetas.

Nem fomes, nem trabalhos os impedem,
Que exercitem o dom divino e raro:
Tanto em seu desatino se desmedem;

Por isso às vezes julga o vulgo ignaro
Que eles são intratáveis, desabridos,
Posto que os bons lhe dêem louvor preclaro.

Mas tu, que nunca ergueste os teus sentidos,
Que em ideias vulgares e confusas
Sempre andaste com eles envolvidos,

Se nunca conheceste Apolo, ou musas,
Nem pintado sequer viste o Parnaso,
Para que de seus dons sem saber usas?

Se temes que o teu nome em negro vaso
Para sempre se veja sepultado,
Usa do para que tiveres azo.

Não digas mal do consoante amado
Tanto dos bons engenhos peregrinos
Dos do tempo de agora e do passado.

Se te fundas em Miltons e Trissinos
Teus aéreos fantásticos sistemas,
Assaz de bons não foram seus destinos.

Poucos ou raros lêem os seus poemas;
Um triste e melancólico caminha,
Farto de extravagâncias mil extremas.

A musa doutro, mísera e mesquinha,
Lânguida e fria, sem adorno e graça
Da solta prosa jaz quase vizinha.

Ninguém jamais a noite e o dia passa
Seus áridos escritos estudando,
Por muito que o seu gosto contrafaça.

Não o nego porém, de quando em quando,
Deles se eleva um resplendor sublime,
Digno do Pindo e Febo claro e brando.

Mas tu, a quem a rima tanto oprime,
Se não sabes, aprende: o canto hebraico
Dizem que às vezes nela bem se exprime.

E que por evitar o tom prosaico,
Algumas vezes dela se servira
O poeta siríaco e o caldaico.

Também a musa grega ao som da lira,
Lá nos tempos antigos, dela usou;
E o romano que a face ao mundo vira.

Novamente o seu uso renovou
Dando-lhe forma e ser o provençal,
t)e nova graça a poesia ornou.

Mas isto para ti de nada vale,

Que porque te foi dela Apolo escasso,
Dela e rios que a usaram dizes mal.

Que mal te fez Camões e o culto Tasso?
Camões, a quem as musas educaram
Na sua gruta e virginal regaço?

Que o cântico divino lhe inspiraram
Em que aos astros ergueu os lusos feitos,
Que tanto pelo mundo se afamaram.

Pana exprimir altíssimos conceitos
Nunca jamais a rima lhe falece
Estilo e puro culto sem defeitos.

Qualquer rústico espírito conhece
Que quanto o Camões quis dizer, o disse
Fácil e natural, como aparece.

Quem quer que dele mal falar te ouvisse,
Diria afoutamente e com verdade,
Que isso em ti era inveja, era doudice.

Ora pois, porque tens dificuldade
Em dizer teu conceito em doce rima,
Vituperá-la é grande iniquidade.

Julgavas fácil e de pouca estima
Doces versos fazer? amigo, não,
É preciso trabalho, estudo e lima.

E isto, sem natural inclinação,
Ou pouco ou nada vale: se disso és pobre
Martelarás no pobre siso em vão.

A veia natural não se descobre
Mil glosas num outeiro recitando,
Mais vis que escória vil de ferro ou cobre.

Oh quanto te escarnece a gente quando
Nele estás como insano loucamente
«Tirse, Tirse», com larga voz gritando.

Inda do consoante tão vãmente,
Te atreves, pobre infusa, a blasfemar,
Sendo tu tão vã cousa, e tão demente!

Ele nunca se deixa demonstrar
Na tão formosa língua portuguesa
A quem com diligência o procurar:

Qualquer, inda que pouca natureza
Tenha, dirá rimando o que quiser
Em estilo corrente e com clareza.

Tanto que aqui mui bem se pode ver
Que sendo o meu engenho rude e baixo,
Exprimo quanto tenho que dizer.

Ou bem ou mal os consoantes acho,
Tão facilmente às vezes me aparecem
Que para os apanhar me não abaixo».

Mas julgo que os ouvintes adormecem
Co'a minha longa prática: eu me calo,
Pois que os gostos de ouvir-me lhes falecem.

Enfim já sem refolho anui te falo:
Se os meus versos conseguem felizmente
Fazer dentro em teu peito algum abalo,

Que o teu fado se quebre em continente,
Tornando-te, de louco, homem cordato,
E acabes de ser fábula da gente.

Tuas acções medindo com recato,
Deixando versos maus, vãos argumentos
Que te fazem de todo mentecapto,

Darei por bem gastados os momentos
Que empreguei nesta mísera escritura,
Censurando os teus fátuos pensamentos,
E ter-me-ei por mimoso da ventura.

RESPOSTA DE JOSÉ ANASTÁCIO DA CUNHA

SÁTIRA FEITA A FRANCISCO DIAS, TENDEIRO, COM LOJA DE MERCEARIA NA RUA DAS ARCAS, CHAMADO POR ALCUNHA O DOUTOR BOTIJA, EM RESPOSTA DE OUTRA QUE FEZ A UM SUJEITO, DE QUEM NÃO TINHA O MÍNIMO CONHECIMENTO, NEM O MENOR ESCÂNDALO.

Enquanto agora o rude teu caixeiro
Unta as guedelhas no mofino azeite
Que sobra do nojento candeeiro;

Enquanto se entretém no porco enfeite,
E fervoroso tu lhe estás pregando
Para que nas balanças menos deite:

Ó mofino, meus versos escutando,
Melhor aprende a venerar a gente
Que os jumentos, quais tu, sabe ir picando.

Que sequaz te induziu, feio demente,
A romperes co'a ovelha?, que pateta
Nas garras te lançou do mal presente?

Foi talvez o político de treta,
Humanado morcego, que na escura
Noite, à lambuja sai da branca e preta?

Calvo peralta, que sem tom murmura:
Venero-o; que é burrinho sustentado
Pelos serviços do defunto cura.

Foi algum minorista relaxado
Herói dos Ganimedes, padre velho,
Nos dogmas de Lieu controversado?

Bibliográfico vão de alto conselho:
Governa-te por esse moralista,
Que vende em praça o gato por coelho.

Nem estes, nem o seco rabulista,
Águia manhosa, que folgando espera
Comer, nas garras, quem tentar na alpista.

De que hoje te arrepeles defendera,
Por chamares ao círculo um amigo
Que de asnos despicar-se não quisera.

Eia, comigo, pedantão, comigo,
Que da Lacónia os cães excedo na arte,

Com que em vereda os lobos maus persigo.

Não determino os versos censurar-te;
Suposto manifestem que os favores
Calíope contigo não reparte.

Nem respondo tão pouco aos rimadores,
Que dão às águas de Hipocrene o gosto
Num cantar, como aos ecos dos tambores.

Febo a tais ignorantes volta o rosto:
Das liras que no Olimpo ouvir estima,
Num *ão* com um *ão* o gosto tem posto.

Nem menos aos exemplos tens ria rima:
Sem ela os campos lácios, e os ria aurora,
Deram plectros que a todos vão de cima.

Nos mil volumes, creio lês por fora;
Mas excede na orelha um mau jumento
Quem de Apoio as acções assim decora.

Menos respondo ao baixo atrevimento,
De me acusares por falar das artes,
Em meio de qualquer ajuntamento.

Contigo nisto a injúria bem repartes:
O sábio no lugar onde aparece
Das mãos não larga Homero, nem Descartes.

Ditoso quem no mundo isto conhece!
Ditoso aquele que, dum noutro errando,
Vagueia, até que a aurora lhe amanhece!

Cada um na sua herdade anda lavrando:
Tu desvelas-te em ser rico tendeiro,
Eu em andar nas artes estudando.

Nenhum destes defeitos eu requeiro
Para abaixar-te a longa orelha; emprego
Outro arrocho maior, maior fueiro.

Por isso de outros erros te não prego:
Qual é o de seguires que entre os homes
O lince represente ser um cego.

Teme-os embora tu, que deles comes;
Mas olha que ao cobarde a espada corta:
Nunca livre obra, quem receia fomes.

Quem te mete a induzir na estrada torta
O que voar pretende além rios céus?
A porta da virtude é estreita porta.

Pondera se, com tais descuidos teus,
Não podia oprimir-te, envergonhar-te,
Se vergonha consente o mal nos seus.

Vê se bastante era isto a depenar-te
Dessa vaidade com que te apresentas,
Decidindo de leve em qualquer parte.

Bem como as aves já de orgulho isentas
A gralha depenaram, que entendia
Encobrir suas plumas macilentas,

Que mal co'as do pavão se revestia.
Eis lhas depenam logo, e perseguindo
Vão todas a infeliz, que lhes fugia.

Hoje atravessa os mares repetindo:
– *Ao vaidoso mui mal serve a vaidade;*
E de eco o exemplo teu lhe está servindo.

Se não tiveste jeito para abade,
Nem para leigo ser da Estremadura,
Quero te mete a inculcar letras de frade?

A natura não é contra-natura:
Para Minerva e Clio não tens ara,
Que um bom senso não sofre má figura.

Qual das celestes musas não julgara,
Se teus metros Apolo a ler vos dera,
Que em seu presídio Circe te hospedara?

E que tornar-te em burro pretendera,
Com mania de versos maus fazeres
Como noutros por mágica fizera?

Para o que seus benéficos poderes,
Ajuntando com vara diamantina,
Te deu, ferindo o chão, a orelha a veres?

Mas Febo a cousas tais me não destina.
Só na grandeza enorme da ambição
Que te ocupa, meu rude plectro afina.

Já sinto se me inflama o coração,
Ah!, Menipo cruel da mercearia,

Nas tramóias da tenda sabichão!

Onde fêrvido corres à porfia,
Uns dinheiros sobre outros encofrando,
Sem afrouxares nunca em tal mania?

Não vês que eterno mal estás cavando
À vida que respiras, praguejada
Pela miséria dos que estão penando?

Quem te encontra de capa esfrangalhada,
Surdindo já pelo sapato o dedo,
Porcas as mãos, a cara besuntada,

O ir do rosto, de quem come azedo,
As melenas hirsutas, mal corridas,
Figura que promove o nojo e medo,

Diria: «*que mal correm as medidas
A este pobre!*», a não te conhecer
Pelo mais traficante busca-vidas.

Com que razão te intentas defender,
Sendo não só nos males teus culpado,
Mas nos de quantos menos podem ter?

Não sei como respiras sossegado,
Encontrando no mundo a cada passo
O triste que tu fazes desgraçado!

Podes voltar as costas, ó escasso,
À vista da misérrima figura,
De quantos mata o famulento laço?

Do pobre que esforçar-se em vão procura,
Contra o peso dos anos, que servindo
Lhe estão de açoute, até à sepultura?...

Do enfermo que o grave mal sentindo,
Olha e vê a terrível desnudez
Estar-lhe aos pés a fria cova abrindo?...

Presumo que em tal cena te não vês,
Ignorante selvagem, inda pior
Que os mouros de Marrocos, ou de Fez.

Não te abrandam os ecos do clamor
Da mísera viúva, rodeada
Dos tenros frutos do passado amor,

Que rota, lacrimosa, esguedelhada,
Um dia vê raiar, vê outro dia,
Sem que lhe digam: «*toma, desgraçada!*»

Avaro sabichão da Barberia,
Aos golpes morrerás dos cruéis danos
Que aos tristes motivar tua mania.

Pondera meus sinceros desenganos,
Que de outro peso são que os palavrosos
Discursos teus, errados e profanos.

Fizeram tia terra o mal os cobiçosos;
Neles origem teve este direito
Que faz o rico e faz os desditosos.

Neles é que se viu o homem sujeito:
Neles a causa da ignorância existe,
Pois ninguém quer seu defeito.

Porque de erros tão feios não saíste,
Se ser teu notavas crítico dos homens?
Num bom exemplo a boa lei consiste!

Outra vereda é lícito que tomes;
Seja essa a de tendeiro, em que nasceste,
Entre os exemplos já de unhas de fomes.

Olha na quanto por néscio te expuseste!
A perdes do ser de humano a glória!
Porque outro avaro Midas te fizeste!

Na terra gravarão triste memória
Teus vícios, e acções escandalosas,
Nunca sonhadas na mais vil história.

Com que e horror te olharão castas esposas,
Sabendo que aprovaste à tua dar
Um tostão, vendo-a enferma? E que repousas!

Com que ódio chegarão a recordar:
Não seguiste as leis do deus vendado,
Por mais cobres na burra acumular!

Morrendo viva o mal aventurado;
(Dirão elas) nem dele se encarregue
O Caronte no Averno ao remo usado.

De Íxion, e Tântalo aos trabalhos chegue;
Nas garras das Harpias monstruosas

Com ele, a grã Discórdia irada pregue.

Caia aos pés das Euménides raivosas,
Que as cabeças de víboras povoadas
Cingem de escuras fitas sanguinosas.

Gema nas mãos das fúnebres e iradas
Silas bifformes, cuja enormidade
As montanhas assombra inanimadas.

Que inda pequena é calamidade
Para quem dobra aos pés uma inocente
Dos vícios que disfarça em castidade.

Ah! mofineto crítico, indolente,
Para opróbrios respiras neste mundo,
Alvo já dos rapazes e da gente!

Vê por que nome trocas o profundo
Sossego da virtude, tão querido,
Menipo turbulento, vil e imundo!

Vê por que glória vives oprimido,
Querendo bravo dar a conhecer-te
Pela besta maior que tem nascido!

Sai vacilante quem chegou a ver-te
Sobre coxo banquinho repimpado
Ao canto do balcão, sem nunca erguer-te.

Quando ao mais alto o dia tem chegado
Ergueres essa cara agolfinhada,
Isto dizendo ao caixa enlabuzado:

– *«Ouves, tratante, rima hora é já passada:*
Vai ver no Talaveiras se sobeja
Alguma cousa, muito acomodada.

Senão, à ceia hasta que isto seja;
Que eu por mim, te confesso, estou impando:
Inda a sardinha de ontem cá branqueja.»

Sai aturdido quem te viu ceando
Negra bolacha e na erva mal cozida,
Pingo a pingo o azeite alto deitando.

Mosca que ao prato vem, dobra a lambida
Mesa de cão; e ao longe teu caixeiro
Comendo está num canto por medida.

Mofino, que avançado no terreiro
O mundo desafia, teme agora
Morrer na espada do feroz Rogeiro.

Teme, teme os clamores, muito embora,
Da grã calam idade, que gemendo
Triste escrava do avaro, amarga chora:

Da grã calamidade, que volvendo
Os olhos para os céus, eficazmente
Expondo o mal que à força está fazendo.

– *Eterno Padre, justo, Omnipotente.*
(Diga, vendo-se toda rodeada
E)a misérrima, triste e pobre gente)

Não posso respirar mais subjugada.
Aos erros ria avareza repetidos
Por cujas mãos tiranas fui criaria.

Mil vezes entre fúnebres gemidos,
Vi abraçar os pés aos avarentos
Homens, estes que trago perseguidos.

Dizendo-lhes com ais, e pensamentos
Que as montanhas curvavam de gemer:
Ó vós, causas destes tormentos!

Já que os templos dos numes sofreis ver
Desornados dos numes que piedosos
Vos deram vida, humanidade e ser;

Já que os olhos cerrais aos majestosos
Preceitos seus, no coração gravados;
Já que abusais de serem generosos,

Ao menos vos comovam, desgraçados,
Miseros gostos nossos, inocentes
Com batidos da fome e destroçados.

Não sejais fortes com as humildes gentes:
Possa-vos compungir esta lembrança:
Que sois, co'os irmãos vossos, inclementes.

Possa abalar-vos da primeira usança
As leis, restituindo à natureza
A glória, os bens, o ser, a segurança.

Nada, é Jove, abrandou sua dureza;
As razões todo o vício aos homens tiram:

Mas a razões não olha o da avareza.

Ah! fulminante deus, quanto sentiram
Esses que destronar-te já quiseram,
Que as penhas sobre penhas enxeriram!

Desata sobre avaros, que ofenderam
E)a natureza as leis num semelhante,
Que cometer mil males me fizeram.

Desata já das nuvens coruscante
Raio que envolva em subtil cinza quantos
Mofinos tem o mundo, é deus tonante!

E dizendo isto, caiam mil e tantos
Coriscos logo, serpenteando os ares,
Que te acabem entre hórridos espantos.

Eis, clamarás então: «– *Santos altares,*
Valei, valei!» – Porém mal acabando,
Tornado em cinzas te verão ficares.

Oh!, quanto os teus, teus males alegrando
Correndo logo em turba, o cofre abrindo,
Vejo as mãos para os céus alevantando!

Uns o arroz da tenda já medindo,
Outros, de um ar choroso mascarados,
De quando em quando para um canto rindo!

A fama de improviso aos desgraçados
Corre, e por cem bocas apregoa
Teus fins terríveis, mal aventurados.

Nenhum mais se entristece, nem magoa.
É justo o céu, é justo, pois castiga
Os avaros. Eis quanto neles soa.

Pedante, não maltrates a barriga,
Entre sacos e sacos de alimentos;
Não sejas mais avaro que a formiga.

Não queiras ser com muitos avarentos
Semelhante a Licurgo, rodeado
De cofres, expirando nos tormentos.

Vive de tua esposa acompanhado,
Tendeirinhos pequenos fabricando,
Que bem obra quem segue o decretado.

Vai as medidas tu satirizando,
Que para boca de asno o mel não é;
Deixa de andar as musas inquietando.

Para crítico seres, tens mau pé:
Não murmures de outeiros que, em verdade,
Neles Apolo o bom e ruim vê.

E se fumos desejas ter de abade,
Mostrando-te doutor de mitra e toga,
Com primazias de robusto frade,

Aos ratos deixa a tenda, e desafoga:
Segue do País Baixo essa mofina
Estrada: e vai firmar-te à sinagoga.

Porque entre os fariseus da lei rabina,
Te inculcarás mui bem, já me percebes:
A natureza mais do que a arte ensina.

Entre nós, os do Luso, não recebes
Louvor algum; olham-te mau tendeiro,
Um vil que na ambição nunca assaz bebes.

Não saques mais as gentes a terreiro,
Que aos maus sou formidável, arrebatado
Nos cornos a capinha mais ligeiro.

As virtudes abraça de barato;
Olha que serás mais atassalhado,
Que na boca do cão raivoso, o gato.

Sou semelhante ao genro desprezado
Por Licambo, ou bem ao inimigo
Vingativo do búfalo malvado.

Vende o bom bacalhau, o melhor figo;
Argumenta c'o teu almotacé:
Detesta os vícios, anda só contigo,
O Alcorão não sigas de Maomet.

Transcrição e revisão de Deolinda Rodrigues Cabrera a partir da edição de 1839.

© Projecto Vercial, 2003

<http://www.ipn.pt/literatura>
